

Director, editor e proprietário
António Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

O MUNDO E O HOMEM

Domingos A. Remos

Não há espírito humano que, num permanente anseio de beleza, não tenha criado os seus mundos. Vergando ao peso das tribulações e quando a alma lhes chora e nelas que os homens se refugiam e onde o nosso espírito, já passivo e adormecido, se julga transplantado a regiões paradisíacas, turgido na embriaguez dum sonho olímpico, na miragem sedutora duma aspiração indefinida e cheia de encanto. Visão de sonho ou deslumbramento ilusório, fascina-nos num enlevo de ternura, como cadeia inquebrantável de ouro e de pedrarias, prendendo à vida, como poderoso talisman atraindo-nos à profundidade dum oceano todo feito de delícias nunca imaginadas. E, aí, o homem sente-se bem, esquece todas as amarguras e consegue forças e coragem para prosseguir na senda dolorosa da vida. Subir, ascender às alturas do desconhecido, ultrapassando as próprias estrelas, é esta, sem dúvida, a aspiração máxima de toda a humanidade. Todos, sábios ou ignorantes, ricos ou os próprios mendigos, sem que ninguém lhes indique o caminho, sentem a necessidade dessa ascensão e o desejo contínuo de chegar até lá.

«Amando Deus a preceito, Nesta ideia me concentro: Sendo pequeno o meu peito, Trago infinitos lá dentro!...»

E a alma do homem, na graça de Deus, torna-se infinita. Sómente iluminado por ela, sentindo-lhe o calor que nos abraza, os desenganos que neste mundo se sofrem tornam-se mais suaves e sentimos uma coragem maior para dominar e vencer a luta de todos os dias.

«Deus é sol que rasga a treva, E é dos homens terno abrigo! Quando alguém a Deus se eleva, Transporta o mundo consigo.»

E o mundo, com a presença de Deus, não sofreria tanto e mais forças teria ainda para prosseguir na caminhada. Bem sei e acredito firmemente que tentar uma fuga seria trabalho inútil, mas as lágrimas que se choram, quando ofendidas a Deus, são coroas de triunfo que tornaram grandes os santos e a chave que nos há-de abrir as portas da eternidade

«Amor de Deus tão profundo, Nenhum vibra desta sorte! Dê-nos a esperança no mundo, Céus e vida além da morte!...»

diz-nos ainda e com muita razão o mesmo poeta.

Há, no entanto, espíritos doentes, obcecados por filosofias errôneas, que, embora não renunciem à ideia de Deus, não pensam da mesma maneira. Viver, para eles, não passa dum verbo regular, o mais doloroso dentre todos, cujos tempos principais significam: o pretérito, as lágrimas choradas; o presente, a revolta de todos os seres humanos, e o futuro, a certeza de um sofrimento maior. Conjugando-se, há em todas as pessoas e em todos os tempos, mesmo os secundários, apenas gritos de revolta. Os seus modos traduzem: indicativo, a realidade da dor; o conjuntivo, a possibilidade de desgraças mais fatais; o imperativo, a ordem dada ao mundo para que se deixe esmagar, e as chamadas formas infinitivas, todas as ideias vagas e imprecisas do que diz respeito às torturas da vida.

Na verdade, de tal forma o homem veio alterar a harmonia natural das coisas, se fez lobo de si mesmo e dos outros, que, segundo a opinião de grandes pensadores e de osados pessimistas, quase todos mórdbidos, de teorias perigosas, sobretudo para a mocidade, a vida se tornou num pesadelo abominável, num fantasma temeroso que a todos causa calafrios e provoca suores de terror.

Já houve alguém que, tentando estabelecer confrontos, considerou a altíssima cordilheira do Himalaia um reduzido grão de areia em relação ao muito que se tem sofrido no mundo e o caudaloso Amazonas uma simples gota de água comparado às lágrimas que se têm chorado. Mas, Rensperson vai mais longe ainda... Chega a dizer que Jeová recolhera todas essas lágrimas, para as lançar depois sobre a crosta terrestre, no Dilúvio Universal, afogando todos os seres humanos com as próprias lágrimas de desespero que tinham vertido. Deus irónicamente, to-nado caprichoso, ao gosto caprichoso dum pensador qualquer, Zurabini aterra-nos com a sua hedionda perversidade... Amaldiçoou o próprio ventre materno, chamando-lhe o paraíso terrenal do Génesis maldito. Classifica-o de fruto da árvore da ciência do mal, quando se procura o bem e insulta as cinzas do pai, porque, por um rápido instante de prazer fisiológico, o gerou não só para uma vida inteira de sofrimento, como para a condenação de toda uma eternidade.

Continua na 2.ª página

A fala foi dada ao homem...

1. A crítica objectiva dos actos de Administração constitui serviço do maior interesse público.

Objectiva e oportuna, pois que a tardia, ou histórica, importa relações de vivos com mortos e não de vivos com vivos.

Emittir juízos simples e concretos, sobre factos respeitantes à comunidade, é direito primário dos cidadãos.

Com tal só pode incomodar-se quem não tenha boa consciência das suas contas ou boas contas da sua consciência.

2. Criou-se, em certos meios portugueses, um ambiente de desinteresse pela opinião pública, que é duplamente nocivo: — a quem dispõe de autoridade (dar licenças, negar licenças; deixar, não deixar; demorar ou não demorar); etc., etc., porque, sentindo-se no palco sem ninguém na platéia, se desinteressa do... papel; aos que lhe devem obediência, porque se consideram, consequentemente, estranhos à comunidade, o que é sempre real empobrecimento desta.

3. Os tempos mudaram. O apólogo da secretária regulamentou conscienciosamente o exercício dessa crítica.

Mas aquele ambiente de alheamento, aquela tepidez de banho-maria e aquele não lhes tocar nem com uma flor deram à pele de certos senhores uma super-sensibilidade patológica. Não suportam, não sofrem a mínima contrariedade; e, se pudessem... cortavam-nos a cabeça.

4. Em compensação, há na Administração muitos e muitos que trabalham o melhor que podem e bem acolhem as indicações leais e concretas dos que manifestam discordância com pontos concretos da sua actuação.

Quantos agentes da Polícia de Trânsito andam por essas estradas a defender a vida de quem por elas passa? Quase todos — e bem.

Só porque um ou outro procede, aqui ou ali, arbitrariamente ou descompontamente, tem alguém o direito de o confundir com a corporação a que pertence?

5. Entretanto, nós utilizamos a anterior e mera exemplificação dialéctica para ver outro aspecto, igualmente sério, do problema da crítica.

Concretiza-se também em perguntas:

— Porque a corporação é boa e útil, não deverá censurar-se o seu agente que o não é?

— Porque a corporação é fiel e educada, não convirá dar publicidade punitiva ao seu agente que procede com descompostura e arbitrariedade?

Nós entendemos que o mal se deve diagnosticar e combater enquanto é restrito e localizado. Só assim se impossibilita a chamada infecção geral, que tanto resulta de tumor grande como de simples espinho cravado na pele.

6. Com os ouvidos de Pitágoras pode, no silêncio, ouvir-se a harmonia musical das esferas. Mas não se ouvem os clamores de justiça, as imputações de erros, de atrasos e desvios.

A fala foi dada ao homem — até para ser cidadão!

Ó. M.

(Do «Diário Popular» de 29 de Setembro).

Epistolário Sentimental

Carlos Carneiro.

CLÍNICA...

Querida Amiga:

Talvez saibas, os jornais anunciaram espectacularmente o desastre de que fui vítima há quarenta dias. Estou na Clínica Heliantia, uma casa enorme de grandes varandas abraçando o prédio envolto de altos pinheiros. O meu quarto tem uma larga porta voltada ao mar que hoje é dum azul cobalto.

Depois de vinte dias de internamento com uma fractura na articulação do joelho esquerdo e outra no polegar da mão direita, fui para casa com saudades do meu jardim, dos meus livros, de todas as minhas recordações, mas outra prevaleceu, a desta casa voltada ao mar, duma camaradagem fraterna com os doentes que há meses, e quanta vez, aos anos estão estendidos em camas de ferro branco com um sorriso de admirável resignação. O homem a tudo se habitua, até às maiores desgraças... Rapazes em plena juventude estão inutilizados há anos, com um sorriso, à espera.

Tinha saudades desta casa, das enfermeiras, das criadas, dos médicos. Esta casa, sonho realizado dum grande médico e dum extraordinário coração, o Dr. Ferreira Alves, e agora dirigida pelos seus três filhos, dois médicos e um que se ocupa da parte administrativa. O Dr. Alvaro, o Dr. Fernando e o Joaquim Ferreira Alves são Três Irmãos. Herdaram o coração do Pai e o saber, a sua presença é já uma cura e todas as dores se atenuam perante a infinita doçura das suas palavras, toda a brandura da sua actuação médica e esta casa é um pedaço de Céu à beira mar aqui na praia de Valadares rodeada de altos pinheiros escuros batidos pelo vento norte ou inertes nas horas de calmaria. Ouço o ruído do mar, de quando em quando passa um vulto apoiado a duas bengalas ou empurrado na sua cama de rodas, passa e levanta o braço numa saudação de irmão na invalidez, irmão no Destino, irmão na Vida... Há uma atmosfera de perfeita fraternidade nesta casa encantadora onde não se sente o Hospital mas sim a casa, a nossa casa.

Abençoados rapazes que mantêm amorosamente a Obra de seu Pai, a quem presto a homenagem enternecida de toda a minha gratidão.

Aqui tens as notícias que te dou. Pouco antes do desastre fui a Guimarães. Fui aí e não te encontro. Guimarães cheia de sol, dia de feira com loiças coloridas, cheia de gente. Fui ao Museu deliciosamente arranjado com aquele resto de clautro pleno de poesia num abandono conduzido, inteligentemente feito. Adoro os jardins com ar abandonado, que prefiro aqueles impecáveis de canteiros rectilíneos, glaciais. O pequeno jardim



O nosso prezado Amigo e distinto Colaborador sr. Jerónimo de Almeida, tomou parte nos Jogos Florais da Figueira da Foz, concorrendo com dois sonetos e uma poesia lírica, que obtiveram, respectivamente, os 2.º e 3.º prémios e uma Menção Honrosa, o que nos apraz registar, juntando os nossos aplausos aos da numerosa e distinta assistência que palmeou o Poeta na noite de 27 de Setembro, no salão nobre do Casino Peninsular, na Figueira, onde recitou as magníficas produções, que são nova afirmação do seu talento.

do museu de Guimarães agrade-me muito.

Foi um bom dia esse passado na tua terra onde voltarei quando esta perna me deixar, não sei quando. Irei dizer-te adeus ao partir de novo para o meu querido Paris onde estaria já se não fôra este acidente.

Adeus Amiga, escreve-me agora, escreve-me para me acompanhares nestes dias longos de paragem numa vida agitada.

Clínica Heliantia — 1958.

Rouxinol vencido...

A' querida Belmira Isménia e a seus irmãos Alvaro Joaquim, Alberto Joaquim e Manuel Alvaro Mendes Araújo Nobre, — para quando todos forem mais crecidos...

Vai para um rôr de anos...

Numa velha carvalha, galhenta, rugosa, — mas acolhente, frondosa, — por noite fora até ao arrebol dum rouxinol cantava, cantava um rouxinol...

E, por noites sem estrelas, ou luarizadas, belas, em que a terra é prata, às loucas cotovias o rouxinol cantor fazia serenata...

Da igreja à ribeira, na redondeza, fama ganhara — e verdadeira! — o mago rouxinol, o cantor da deveza...

Certa noite, distante, fatalista, bandolinista exímio, — mas ironista, — resolve despiciar o genial cantor, o rouxinol-artista... Em seu grado instrumento que alicia, arrebata, o bandolinista toca uma «bandolinata» entusiasmante, louca, — qual beijo boca-a-boca...

Então, o rouxinol-cantor, o cantor da deveza, «virtuoso» cioso, delirante ao ar atrá trinados de beleza...

E canta, canta, canta!...

A noite era de prata... Escutava-se, ouvia-se mágica serenata...

Ensonada, a madrugada ia deitar-se...

Rosada romã, a arora, do dia irmã, sorrindo fulgia, no céu surgia louçã!...

Cansara-se o tenor... O bandolim vibrava, despiciava...

Da velha carvalha: — Silêncio, nada!...

Vencera-se o cantor... O bandolim calara-se...

Fui ver...

No sopé da cavalha, o chão por lençol, as asas por mortalha, — artista no ocase a que fugira o sol, cantor vencido! — jazia o rouxinol...

Próximo, — de benente oliveira verde-prateada, (num risco largo, zigueagueante, louco, que mal se via), vôo levanta, ala-se

no infinito colo da alvorada desolada cotovia...

Desde verdes anos, um sentimento eu vivo, sentimento fundo, transcendendo os céus: — querer às avezinhas mais que ao ingrato mundo, querer às avezinhas como quero aos meus!...

Setembro — 1953.

ALBERTO DE MACEDO.

ETNOGRAFIA

Os "Ranchos",

A. L. de Carvalho.

Traz o folclore a marca do Passado. No cerne da Tradição alimenta as suas raízes.

Mas nem por ser remoto, é se-dição.

Estou em dizer que o Folclore — como certos vinhos — quanto mais velho, melhor.

Não se deduza daqui, ser o Folclore inimigo do Progresso.

Se não acompanha, também não faz guerra.

E' que os seus objectivos, são diversos. Tal a razão do seu aparente antagonismo.

O Folclore, dada a natureza da sua origem — que promana do saber do Povo — apenas requer que a actuação material do progresso o não asfixie.

E' justo que ele viva, revigorado na sua cepa nacionalista.

Seja português de lei!

A sua extensão geográfica abrange o Continental e o Ultramarino.

Sua génese garra nos usos e costumes do povo português.

Por isso mesmo anda o Folclore de braço dado com o povo.

A ciência Etnográfica aplaude esta aliança.

No arraial das suas exhibições, divisam-se dois grupos de características diferentes:

a) Ranchos rurais.

b) Grupos urbanos.

Os primeiros, são nados e criados em seu meio próprio.

Iniciados à sombra amena das árvores, tais ranchos, por sua singeleza e pureza, trazem consigo o perfume das rosas silvestres.

Sua exhibição, mesmo fora dos terreiros, das eiras, das romarias, quando transportados à cidade, ainda conservam o pitoresco da sua origem rural.

Não admira: Os componentes destes ranchos são oriundos do lugar onde têm seu habitatulo, família, labor.

Impregnados estes ranchos de localismo, a aldeia e a serra, — seu ambiente —, vêm com eles.

HORA LEGAL

Com o atrazo de 60 minutos, feito nos relógios e na madrugada de hoje, começou a vigorar a chamada Hora de Inverno, que se manterá até ao princípio de Abril p. f.º

DIRECTOR GERAL DA URBANIZAÇÃO

No domingo esteve nesta cidade o sr. Eng.º Sá e Melo, Director Geral dos Serviços de Urbanização, que com o Sr. Presidente da Câmara tratou de assuntos relacionados com as obras em curso.

Vida Rotária

A' reunião de 4.ª-feira (ao almoço), no Rotary Clube de Guimarães, assistiram alguns convidados, senhoras e o sr. Carlos Eugénio Moitinho de Almeida, do Clube de Lisboa, sua esposa e o sr. dr. Manuel de Sena Martins, tendo presidido o sr. António Dias de Castro, secretariado pelo sr. José Machado Teixeira, que fez a leitura do expediente.

O presidente saudou os convidados e referiu-se em termos da mais viva simpatia ao sr. Moitinho de Almeida, que mais uma vez visitou o clube vimaranense, trazendo-lhe o seu incitamento e preciosos conselhos.

A palestra regulamentar foi proferida pelo sr. António Ribeiro Ferreira Caldas que, baseando as suas judiciosas considerações no lema «bem servir», intitulou o seu interessante trabalho: Rotary também tem política — a Amizade.

O sr. Moitinho de Almeida referiu-se à fundação do clube de Guimarães, recordando a palestra que então proferiu o past-presidente do clube do Porto, sr. Carlos Lelo, fazendo algumas oportunas considerações.

Procedeu-se como habitualmente à quete para o fundo Paul Harris, tendo o presidente encerrado a reunião, congratulando-se pela forma como ela decorreu.

O Folclore é interpretado — ao natural. Sem artificios e sem teatro, tudo nos ranchos rurais é grato ao nosso espírito.

Na sua exhibição logo nos mostram o fio ao pano.

Pode fazer-se Folclore em toda a parte. Onde, porém, serão mais fecundos os seus efeitos, — sob o ponto de vista de educação artística e social —, é nos centros rurais.

Neles, esses ranchos folclóricos se criaram.

Vivem com o seu povo!

A Festa de Guimarães é um exemplo vivo.

Os grupos folclóricos, de origem urbana, têm um clima diverso.

Podem os seus componentes assimilar os valores genéticos do Folclore. Este, porém, que é quase originariamente campestre e serrano, pouco deve à grei popular dos centros urbanos.

A' face destes motivos fundamentais, — qual é a posição dos grupos urbanos perante o Folclore nacional?

Não o julgemos sem reflectir.

Tais grupos lançam nos meios populares, onde se formam, uma porção de vida associativa e recreativa, muito apreciável.

Quando mesmo se dão em espectáculo público, eles são pelos seus efeitos cenográficos, um tónico de saúde para as gentes que os aplaudem.

Estas razões, por si, bastam à defesa — condicionada — desses grupos folclóricos de natureza urbana.

Embora a exhibição destes grupos não corresponda integralmente ao Folclore nacional, nem por isso os devemos condenar, lançando-os ao ostracismo.

O que se impõe, a bem da acção cultural do Folclore, é propugnar pela depuração e valorização desses organismos criados e sustentados pela iniciativa particular.

Esta circunstância, por si mesma, recomenda à simpatia do País a existência desses grupos regionais.

E' evidente que o tempo trabalha contra as virtudes étnicas do Folclore. Quanto mais se alargam as vias de comunicação e transmissão entre os povos, mais a vida se maquiza.

O contacto das povoações do interior com os centros urbanos, faz perder ao Folclore o seu tipismo — que é a génese da sua beleza, da sua graça, do seu encanto. Sendo vários os prejuízos desta aproximação, o maior, o mais sa-

DOMINGO

Entre o absurdo das coisas que se não podem viver e a biência das coisas absurdas, o domingo existe.

Planificação, tangência, tudo igual a si mesmo, a vida suspende-se e só se agita num silêncio interior, em que a alma se refrange.

Todos iguais a tudo, tudo igual a todos, porque não ser como eles são e não ser como nós somos?

Helênicamente, perdem-se as horas entre sol e paisagem, entre mar e céu,

nas cidades intranquilas, mas o que não é como todos, o que é diferente, vence-se a si próprio nos domingos que decorrem fio a fio, sem começo nem fim, tal e qual como outrora.

Inúteis, tardas horas sem instantes, em que os domingos se iludem nos mesmos horizontes.

CORREIA DA COSTA.

GAZETILHA JUNTAS

Hora nova, hora velha
e... ora essa!

Não modificou a aurora,
com a mudança da hora,
tampouco do sol o rumo:
— apenas a chaminé,
do lar que apronta o café,
mais tarde evoluiu seu fumo...

De mais uma hora de leito
irá tirar seu proveito
o corpo da humana gente:
— que estando mais um bocadinho,
no «piano» repousado,
não ficará descontente...

Com mais tempo, a cozinheira,
p'ra amanhar a «trincadeira»
a seus mansos comedores:
— não pensará, pela certa,
nos estômagos que, àlerta,
rufarão como tambores...

Porém, ao caro leitor,
que o velho despertador
deixou sem hora legal:
— nem que o aperte a preguiça,
não perderá sua missa,
nem o prazer do jornal...

«Hora a hora, Deus melhora»,
e não vá esta que, agora,
na vida foi atrasada;
— em lugar de nos trazer
melhoria, no viver,
em males ser aumentada!

Mas... sem ter a ousadia
de abusar da bigamia,
e nem padecer da «telha»:
— só merecia uma sôva
quem se deitou com a «nova»,
e acordou cingido... à «velha»!

Ortiglião.

NOVO MÉDICO

Acaba de concluir, após um curso brilhante, a sua formação em Medicina, na Universidade do Porto, o nosso prezado conterrâneo sr. dr. Armando Osvaldo Matos Ribeiro da Silva, filho do nosso prezado amigo sr. Armando Martins Ribeiro da Silva e de sua esposa a sr.ª D. Maria Augusta da Silva Matos.

Felicitando o novo médico, a quem desejamos as maiores prosperidades, felicitamos seus pais.

FALTA DE LUZ

Recebemos várias reclamações, não apenas da Cidade mas de outros pontos do Concelho, acerca da falta de energia nos últimos domingos, o que ocasionou, como é de calcular, grande transtorno, mormente daquelas famílias que possuem fogões eléctricos e não puderam servir-se deles para cozinhar.

Realmente deverá evitar-se a repetição destes casos, mas quando isso não seja possível seria de grande interesse que fosse feito um aviso, divulgando-o convenientemente e com antecedência para conhecimento de todos os consumidores.

Permitimo-nos chamar, para este caso, a atenção da Empresa Concessionária, certos de que o mal será remediado.

liente de todos, é o que se mostra no modo de vestir do povo.

Já os poetas do *Cançãoeiro de Resende*, nos séculos pretéritos, acentuaram o modilhar do povo, nas suas roupões:

Os despoirados vestidos
Que se mudam cada dia

O Mundo e o Homem

Continuação da 1.ª página

Olhando o mundo, ao perto e ao largo apenas se divisam a depravações de costumes, o império do vício, pântanos de misérias e foi, perante este panorama que Badaire fez com que as suas «Flores do Mal» vicejassem entre a corrupção de cadáveres na vermina dos alcouces, enquanto o vento uivava lugubrememente, num trágico cantochão de cemitérios. Mas um cortejo imenso de cérebros doentes perpassa neste momento diante da minha memória, oiço os seus gritos, não sei se de piedade refalsada ou se de revolta e não quero, por hoje, tratar deles aqui. Procurarei recordá-los depois, para meu próprio bem, porque nas demonstrações erradas que apresento encontro sempre razões que me levam a olhar muito mais para o alto. Lamentam, e com motivos justíssimos, a tortura dos homens, mas aumentam-nas muito mais com os processos mórbidos a que os leva o seu pessimismo ateu.

Homo homini amicus!... e se assim fosse o homem encontraria remédio para todos os seus males. Decorria o século do grande Péricles, espírito de elevada cultura, que às Artes e às Letras deu o melhor dos seus cuidados e da sua protecção. Diógenes, filósofo da escola Cínica, conhecia bem o mundo. A ambição, o egoísmo, a traição, a cubícia e a indiferença dos poderosos, levou-o ao isolamento de tudo e de todos. A liberdade, o sol criador, o ar puro e a beleza das coisas eram os seus únicos amigos. Tinha um túnel por abrigo e uma escudela era o único objecto doméstico que possuía. Vendo na vertente dum vale um pastor que bebia pela própria concha das mãos, quebrou-a no chão como coisa inútil.

Não tenhas pena, Maria! No mundo os faustos são vãoos... Vê Diógenes que bebia, Na própria concha das mãos!...

Escreveu ainda o mesmo poeta, já anteriormente mencionado. Pois bem!... Um dia Diógenes penetra no coração de Atenas. O sol do meio dia ilumina tudo com irradiações duma luz claríssima. Cruzam-se as multidões por entre as ruas. E Diógenes, de facho aceso na mão, encara insistentemente, todas as pessoas, à luz do sol e do archote aceso. Perguntam-lhe: — Que fazeis vós, Diógenes, assim como quem procura alguém? E Diógenes responde: — ando à procura de um amigo!... ando à procura de um amigo!...

E, na verdade, ao homem somente faltam os amigos para que possa ser feliz.

Quando o operário carpinteiro Júlio Ribeiro Gonçalves, casado, de 27 anos, da freguesia de Atães, trabalhava nas obras da nova Escola Técnica, caiu de um andaime de considerável altura, sofrendo fractura do crânio. Foi prontamente conduzido ao Hospital, onde faleceu pouco depois. Deixa viúva e um filhinho.

DESASTRE MORTAL

Quando o operário carpinteiro Júlio Ribeiro Gonçalves, casado, de 27 anos, da freguesia de Atães, trabalhava nas obras da nova Escola Técnica, caiu de um andaime de considerável altura, sofrendo fractura do crânio. Foi prontamente conduzido ao Hospital, onde faleceu pouco depois. Deixa viúva e um filhinho.

celulas fundamentais do Poder que mais alto se levanta — a Pátria a que nos orgulhamos de pertencer!

S. M.

N. da R. — Embora as eleições, a que se refere este artigo, tenham sido adiadas por determinação governamental, mantem-se a oportunidade para a sua publicação.

Mendes & Puga, L.ª

GUIMARÃES

Certifico que por escritura com data de 15 de Julho de 1958, exarada no meu livro de notas número 2-C a fls. 78, foram alterados os artigos 1.º, 2.º, 3.º e 6.º do Pacto Social da sociedade comercial por cotas Mendes & Puga, Limitada, com sede à Avenida Conde de Guimarães, destinada ao comércio de comissões, consignações e conta própria, tendo essa alteração parcial do respectivo Pacto Social sido feita nos termos seguintes:

a) O artigo primeiro passa a ter a seguinte redacção:

1.º A sociedade adopta a firma «Mendes & Puga, Limitada», tem a sua sede nesta cidade, à rua Gil Vicente, número cem e dois, durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde a data da sua constituição — vinte e três de Abril de mil novecentos e quarenta e oito — pode transferir a sua sede, abrir filiais em qualquer local e tem por objecto o comércio de comissões, consignações e conta própria e qualquer outro que não seja proibido por lei e a sociedade resolva explorar.

b) O artigo segundo passa a ter a seguinte redacção:

2.º O capital social integralmente realizado, em dinheiro, é de Duzentos Mil Escudos e corresponde à soma de cotas dos actuais sócios, que são os seguintes: António Mendes — vinte mil escudos; José Bermello Puga — vinte mil escudos; Sociedade «José Puga & Filhos» — cento e sessenta mil escudos.

c) O artigo terceiro e seu parágrafo único, passam a ter a seguinte redacção:

3.º

A cessão de cotas é livre entre os sócios, mas, para estranhos depende do consentimento dos outros sócios que poderão preferir depois da sociedade declarar que não pretende usar do direito de preferência em primeiro lugar.

§ único — No caso de mais do que um sócio pretender usar do direito de preferência, de que trata o corpo deste artigo, abrir-se-á licitação entre os pretendentes e a respectiva cota será adjudicada àquele que maior preço oferecer.

d) A disposição do artigo sexto fica substituída por outra que contém além do corpo do artigo, quatro parágrafos, tudo com a redacção seguinte:

6.º Todos os sócios são gerentes efectivos e da sua actividade em conjunto depende o melhor aproveitamento do exercício do comércio da sociedade.

§ 1.º — A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer dos sócios, Mendes, Bermello Puga ou António Puga, como representante da firma «José Puga & Filhos».

§ 2.º — O uso da firma social, só pode ser feito por qualquer dos actuais sócios da firma sócia, «José Puga & Filhos» — José Puga, Francisco Puga, Andrés Puga ou António Puga, — e só assim fica obrigada a sociedade nos documentos que envolvem responsabilidade.

§ 3.º — Em caso algum qualquer dos sócios poderá assinar letras de favor ou documentos estranhos à sociedade, que directa ou indirectamente possam afectar os interesses sociais.

§ 4.º — O sócio que infringir o disposto neste artigo responderá para com a sociedade pelos prejuízos que lhe causar e pode por deliberação dos outros, ser obrigado a aceitar a amortização da sua cota, que reverterá em benefício destes.

Em tudo mais mantem-se em vigor o pacto social constante da escritura de 23 de Abril de 1948.

Está conforme ao documento original a que me reporto.

Guimarães e Secretaria Notarial, 9 de Agosto de 1958.

O Notário,

a) Luís Filipe Aviz de Brito.

Mendes & Puga, L.ª

GUIMARÃES

Certifico que por escritura com data de 27 de Junho de 1958, celebrada nesta Secretaria Notarial, perante mim notário, exarada no meu respectivo livro de notas número 2-C, a fls. 41 verso, António Mendes, casado, industrial, residente em Guimarães, da sua cota de 100.000\$00, que possuía na sociedade em epígrafe, fez duas cessões parciais, cedendo o valor de 60.000\$00 à sociedade «José Puga & Filhos», com sede nesta cidade, e o valor de 20.000\$00 a José Bermello Puga, casado, empregado comercial, também morador nesta cidade, conservando-se na mesma sociedade com a cota que manteve para si no valor de 20.000\$00.

Guimarães e Secretaria Notarial, 19 de Agosto de 1958.

O Notário,

a) Luís Filipe Aviz de Brito.

Teatro Jordão

APRESENTA

— 1958, N.º 15 N.º 21, 30 HORAS —

Maria Schell = François Perler

em

A TABERNA

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

— 1958, N.º 15 N.º 21, 30 HORAS —

Carmen Mendes = Artur Agostinho

em

O TARZAN DO 5.º ESQ.º

(Espectáculo para maiores de 12 anos)

— 1958, N.º 15 N.º 21, 30 HORAS —

Jeffrey Hunter = Miguel Patrick

em

Conta até 5 e Morre

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

— 1958, N.º 15 N.º 21, 30 HORAS —

Orson Welles = Colleen Miller

em

SALÁRIO DO DIABO

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

Mendes & Puga, L.ª

GUIMARÃES

Certifico que por escritura com data de 27 de Junho de 1958, celebrada nesta Secretaria Notarial, perante mim Notário, exarada no meu respectivo livro de notas número 2-C, a fls. 45 verso, Andrés Puga, casado, comerciante, residente nesta cidade, se apartou da sociedade em epígrafe, cedendo a cota que na mesma possuía de 10.000\$00, à sociedade «José Puga & Filhos», com sede nesta cidade, tendo contudo autorizado a que o seu apelido «Puga» continuasse a figurar na firma.

Guimarães e Secretaria Notarial, 19 de Agosto de 1958.

O Notário,

a) Luís Filipe Aviz de Brito.

Grupo Politécnico de Pevidém

Convocação de Assembleia Geral Extraordinária

Tenho a honra de convocar os Ex.ºs Associados para comparecerem à Assembleia Geral Extraordinária deste Grupo, que terá lugar no próximo domingo, 12 do corrente, no Campo de Tiro do Clube de Pevidém, a fim de ser apreciada a atitude tomada pelo Sr. Tesoureiro da Direcção.

Pevidém, 3 de Outubro de 1958

O Presidente da Assembleia Geral,

Alberto Rodrigues de Figueiredo Guimarães.

Cão

Encontra-se um animal de raça canina, no lugar do Canto (Estrada de Fafe), em casa de Manuel de Macedo, de cor amarela e o focinho malhado de preto e branco.

Era uma vez...

Interpretação em Português de Dr. Eduardo d'Almeida.

25)

Então Rasakosha avançou e, em pé diante dela, começou de novo:

— Princesa:

Havia uma jovem e graciosa abelha que crescera no meio dos seus e fora alimentada por seus pais. Certa manhã, lá partiu a primeira vez, à busca do néctar das flores para criar o mel. E atraída pelo seu perfume, voou para o lotus vermelho, que crescera no bosque à margem do poço, e preparava-se para sugar; mas o lotus fechou as pétalas, recusando a entrada no seu cálice e disse: — «Abelha, vens aqui, segundo o hábito da tua raça, querendo à força e com insolência penetrar no meu cálice para me roubar o néctar, na esperança de tudo assim obteres de graça. Mas fica a saber que se te apetece o meu néctar, tens de o comprar.» A abelha continuou a zumbir em volta e disse: — «Mas quanto é que tu queres e que mais podes tu querer? Não te basta o ser flor aberta neste lago e embalsamar a atmosfera?» O lotus respondeu: — «Alguma coisa me falta, abelha leviana. Tu, abelha, não podes adivinhar o que eu desejo. Vai, vê se o descobres e volta, que terás então o meu néctar.» A abelha zumbiu ruidosamente, encolerizada, e voou a ver

se descobria o que queria o lotus. Viu um escaravelho a cavar a terra, à beira de uma árvore. E disse-lhe: — «O escaravelho, diz-me o que quer o lotus?» Mas o escaravelho respondeu: — «Que me importa a mim o lotus? Vai ter com outro, que eu não tenho vagar.» A abelha voou e viu a aranha a tecer a teia num tronco. Fez-lhe a mesma pergunta, e a aranha respondeu: — «O que ela quer, é com certeza uma mosca.» Mas a abelha pensou que não podia ser uma mosca, pois a aranha julgava ou outros por si. E vendo a nuvem a pairar no azul, voou até ela e disse: — «O nuvem, diz-me o que o lotus pode desejar?» A nuvem respondeu: — «Gotas de chuva.» Então a abelha voou para o lotus e ofereceu-lhe água. Mas ele disse: — «A nuvem e a chuva é que me trazem a água. Busca ainda.» A abelha voou de novo e ao ver um raio de sol a brincar na erva, perguntou-lhe o que desejaria o lotus. E o raio de sol: — «Calor.» A abelha voou e, levando um pirlampo, procurou aquecer o lotus. Mas este disse: — «Ao sol pertence aquecer-me e não a ti. Anda, procura mais.» De novo, a abelha voou e viu um mocho a piscar numa árvore; zumbiu-lhe ao redor e disse-lhe: — «O mocho, diz-me o que é que o lotus quer?» E o mocho: — «Dormir.» A abelha tornou a voar para o lotus e disse-lhe: — «Vou zumbir docemente à tua volta para te embalar até que possas adormecer serenamente, enquanto te abano com as asas.» E o lotus: — «Pertence à noite dar-me o sono e não a ti.» Então a abelha, desesperada, voou gritando: — «Mas o que é que apetece a este lotus avaro e caprichoso?» Quis o destino que este grito desesperado fosse ouvido por um velho eremita da floresta, que conhecia o falar de todos os animais, de todas as aves. Chamou a abelha e disse-lhe: — «O abelha de espírito simples e vagaroso, sabes o que deseja o lotus?»

E disse-lhe. A abelha, encantada e feliz, voou para o lotus e deu-lhe o que ele desejava. O lotus abriu a flor, deixou entrar a abelha e sugar-lhe o néctar.

E agora dizei-me, Princesa, o que é que a abelha deu ao lotus?

Rasakosha calou-se. A Princesa, um pouco embaçada, respondeu:

— Deu-lhe um beijo.

E, quando acabou de responder, levantou-se e saiu sem olhar para o Rei, cujo coração a seguiu.

E regressaram aos seus aposentos.

Décimo sexto dia

O Rei, em êxtase e mordido pelo desprezo, comentou a Rasakosha:

— Meu amigo, muito embora, com a resposta da Princesa, me ficassem só mais cinco dias, tivesse eu de perder o meu reino não queria que fosse outra essa resposta e por isso do coração te perdoo. O meu é que me pareceu quebrar-se em dois ao notar-lhe o embaraço, que me permite supor que não me vê com indiferença. Mas, como poderei sobreviver ao período de separação? Este retrato, que apaziguava como a neve minha febre, perdeu todas as qualidades e mais parece fogo a atijá-la.

E o Rei passou a noite em estado de apreensão, a olhar o retrato e a fugir-lhe. Quando o sol se levantou, levantou-se também e cada vez mais penosamente lá passou o dia, no jardim, em companhia de Rasakosha.

(Continua.)

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

A maravilha dos sintéticos

Os têxteis sintéticos tornaram-se nos nossos dias parte tão integrante do vestuário que mal se percebe como era possível viver-se, antigamente, sem eles.

Os últimos vinte anos, foram os mais fecundos no desenvolvimento



«Tollette» de Verão (40% de Ardil e 60% de seda)

de têxteis sintéticos, se bem que a seda artificial tivesse sido descoberta antes do princípio deste século. Procedeu-se, constantemente, a pesquisas tendentes a melhorar os produtos existentes e a descobrir outros, pelo que o ramo da indústria dos têxteis sintéticos tem grande futuro.

De um modo geral, os têxteis artificiais dividem-se em duas categorias: os verdadeiramente sintéticos e aqueles que contêm uma substância natural que ainda não foi sintetizada. Na primeira categoria, os exemplos mais conhecidos são: o Nylon, o Terylene e o Orlon; na segunda, a seda vegetal, o Fibrolene e o Ardil.

O Orlon foi criado pela firma americana E. I. du Pont de Nemours, a quem também se deve a introdução do Nylon. Foi produzido comercialmente, pela primeira vez, em 1951, e está agora a ser exportado dos Estados Unidos para

os outros países em quantidades cada vez maiores.

Trata-se de uma fibra acrílica; o seu componente principal é o acrilonitrilo que, na América, se obtém a partir do gás natural, um dos componentes do petróleo bruto.

O Orlon reúne, às vantagens da maioria dos outros têxteis sintéticos — resistência, vincos duradouros, rapidez na secagem — a de ser excepcionalmente leve. É particularmente adequado para vestuário de Inverno porque, comparado com outras fibras, fornece a mesma protecção contra o frio com 20% a 30% menos de peso. O Orlon é fabricado sob duas formas: filamento contínuo que produz fios semelhantes à seda, e fibra em bruto que origina fios semelhantes à lã.

Utilizado na confecção de uma extensa gama de vestuário, desde blusas para Verão a fatos de homem, de casacos de lã e peúgas, o Orlon é muito adequado para cortinados devido à sua resistência ao Sol e ao tempo. Uma das suas aplicações industriais está nas capotas para automóveis.

O Rayon (ou seda artificial, como era chamado antigamente) foi a primeira fibra a ser fabricada pelo homem e ainda é hoje a que mais se usa. Foi descoberto em 1884 por Sir Joseph Swam que procurava encontrar um material adequado para filamentos de lâmpadas eléctricas; no entanto, só quando suas filhas utilizaram o fio para fazerem *naperons* a *crochet* compreendeu as possibilidades daquele material no campo têxtil. Desde então tem-se desenvolvido grandemente e é agora utilizado em toda a espécie de tecidos — para vestuário,



Vestido de Orlon para Verão

para mobiliário e, mais recentemente, para uso industrial (a maior parte das lonas dos pneus de automóveis são fabricadas com Rayon de viscoso). A sua principal vantagem consiste na excelente qualidade aliada ao baixo preço, permitindo pôr ao alcance de todas as bolsas excelentes tecidos.

Existem duas variedades de Rayon: de viscoso e de acetato. O Rayon de viscoso obtém-se a partir da celulose, que é extraída da pasta de madeira e em seguida tratada com vários produtos químicos e dissolvida por meio de soda cáustica, formando um líquido viscoso com o qual se faz a fibra. A substância básica do Rayon de acetato é também a celulose. Esta é tra-

tada com ácido dando origem a acetato de celulose, que é dissolvido em acetona a fim de se fazer a fibra. Grande parte da acetona utilizada no fabrico do Rayon de acetato é fornecida pela Shell, sobretudo na América do Sul.

O Fibrolane é uma das mais recentes fibras artificiais e é produzido pela firma têxtil britânica Courtaulds. É obtido da caseína, que é uma proteína extraída do leite.

Tem características semelhantes à da lã mas é mais barato: é, de facto, a fibra proteica mais barata do mercado. É já hoje um artigo de produção corrente, utilizado principalmente em misturas com outras fibras tais como o Rayon e o algodão, aos quais confere propriedades de protecção contra o frio e de anti-rugas. Verificou-se que, quando misturado com certos tipos de lã, o Fibrolane confere ao tecido resultante um toque mais macio, como o de uma lã de alta qualidade. As proporções recomendadas vão até 31 1/3% com Rayon e 50% com lã.

O Fibrolane misturado com a lã ou com o pêlo de outros animais é muito adequado para feltros de toda a espécie — chapéus, feltros decorativos e feltros industriais. Misturado com o Fibro (uma fibra de viscoso da Courtaulds) está a ser utilizado no fabrico de tapetes.

O Ardil é outra fibra proteica, fabricada a partir do amendoim (depois de extraído o óleo).

O Ardil foi descoberto antes da guerra, nos laboratórios de pesquisas da Imperial Chemical Industries, em Ardeer.

No entanto, só depois da guerra se encanou a produção comercial do fio. Foi construída uma fábrica na Escócia e iniciada a produção em grande escala em 1952.

O Ardil, tal como o Fibrolane, tem muitas das características da lã e é fabricado especialmente para mistura com outras fibras. Tem sido produzido numa forma que é mais fina que a melhor das lãs, chegando a poder comparar-se com a *cashmere* e dando lugar a um tecido que é macio e não irrita.

Presentemente o Ardil está a ser principalmente utilizado, em mistura com o Algodão, para a confecção de camisas, roupa de dormir e vestuário de criança. Esta roupa pode ser guardada sem precauções de maior, pois o Ardil não é atacado pela traça.

OS ETRUSCOS

NUNCA SOBERAM O QUE ERA UMA DOR DE DENTES

Os Etruscos nunca souberam o que era uma dor de dentes.

Dois cirurgiões dentistas chegaram àquela conclusão depois de terem estudado, durante cinco anos, os esqueletos encontrados num grande cemitério, posto a descoberto pelos arqueólogos, em Spina, porto do Adriático de excepcional importância quando a Etrúria era uma confederação de doze repúblicas.

Os referidos dentistas examinaram cerca de mil dentes de etruscos e não encontraram nem uma única cavidade nem um único motivo de degenerescência que os pudesse levar a concluir que, na Etrúria, havia pessoas com maus dentes.

Em compensação, os dois cirurgiões, Drs. Giorgio Benassi e António Todi, verificaram que a população de Spina sofria de microcitemia — um tipo de amnésia especial que à época se fazia sentir no Mediterrâneo, causando inúmeras vítimas, sobretudo entre as crianças,



SERVINDO A LAVOURA

RESULTADOS DA LUTA BIOLÓGICA EM PORTUGAL

Pelo Prof. C. M. Baeta Neves, do Instituto Superior de Agronomia

(Do Boletim Agrícola, publicação mensal da Shell Portuguesa)

(Continuado do número anterior)

Para se empregar tal meio de combate das pragas das plantas cultivadas é indispensável, contudo, realizarem-se estudos fundamentais a propósito, sem os quais não é fácil avaliar as suas possibilidades.

Entre nós pouco se tem feito nesse sentido mas, apesar de tudo, tem havido algumas tentativas de alguns raros.

Seabra e Santos Hall procuraram inventariar os parasitas da *Tortix viridana* (Burgo da azinheira), trabalho a que Silvestri já se tinha dedicado a partir de material que lhe foi enviado para Itália por Mira Galvão.

Mais tarde um aluno tirocinante de Sivilicultura, Canejo Monteiro, voltou ao assunto e fez numerosas colheitas de insectos parasitas dessa praga, e a identificação e determi-

nação da intensidade de parasitismo respectivas. E um outro aluno tirocinante de Sivilicultura, Fernanda Heitor, procurou averiguar qual o papel desempenhado pelas aves na luta biológica natural nos montados de azinho e sobre ataques da mesma praga.

Em relação à *Lymantria dispar*, o autor, Azevedo e Silva e mais recentemente Reis Goes, tentaram também inventariar os parasitas e depredadores desta e averiguar da importância do seu papel útil.

Além destes trabalhos, feitos na metrópole, há a citar ainda os estudos de Alvaro Cardoso em relação aos parasitas e depredadores dos Gafanhotos e de Castel-Branco no caso das cochonilhas dos citrinos, em Moçambique.

É praticamente tudo quanto de mais importante pode ser citado

no que diz respeito a insectos úteis para a «luta biológica».

No caso das doenças (vírus, bactérias e fungos), à parte o que foi feito por Câmara Pestana e Gomes Ramalho, com um mérito muito especial, dada a época, entusiasmo e competência com que trabalharam, há que referir os trabalhos de Duarte Ferreira e Ganhão sobre fungos da *Carpocapsa pomonella* (Bicho da fruta) e do *Coccus hesperidum* respectivamente, e os de Fernanda Heitor sobre vírus da *Lymantria dispar* e da *Pieris brassicae* (lagarta da couve).

Não ficam por aqui, contudo, as referências a fazer a observações realizadas em Portugal, porquanto nos muitos relatórios finais de Entomologia, agrícola e florestal, de alunos tirocinantes do Instituto Superior de Agronomia, se encontram referências originais aos parasitas e depredadores das pragas estudadas, entre as mais importantes que atacam em Portugal as plantas cultivadas.

E o caso, por exemplo, das observações feitas por Gusmão a propósito da *Apanteles glomeratus*, parasita da *Pieris brassicae*, e de muitas outras.

Afirmar que a «luta biológica» é a solução mais prática e eficaz para combater os insectos, só é possível fazê-lo em relação a um número muito restrito de exemplos. Afirmar que é contudo um meio de interesse excepcional, quando a sua aplicação é possível e dela resulta a solução do problema, é inteiramente legítimo; a atestá-lo está o interesse com que em muitos países é estudado, em laboratórios especializados que se lhe dedicam exclusivamente.

Apenas a modestia dos conhecimentos actuais, as dificuldades inerentes ao processo e as contingências a que está sujeito o seu emprego, não permitem utilizá-lo, na maior parte das vezes, com rapidez e eficiência que as circunstâncias normalmente exigem.

De tudo quanto disse, numa apreciação muito rápida do assunto, podia-se concluir que é ainda o insecticida a arma mais prática de que actualmente o Homem dispõe para resolver os graves problemas de Entomologia agrícola e florestal que o atormentam, sem embargo dos inconvenientes que possui.

E se a mim me seduz a «luta biológica» como a solução ideal, bem compreendo que na maior parte das vezes não se pode deixar de recorrer à «luta química».

Apenas é indispensável não esquecer as vantagens da primeira, o interesse do seu emprego quando possível e a necessidade de se utilizar a última com todas as precauções que a experiência aconselha.

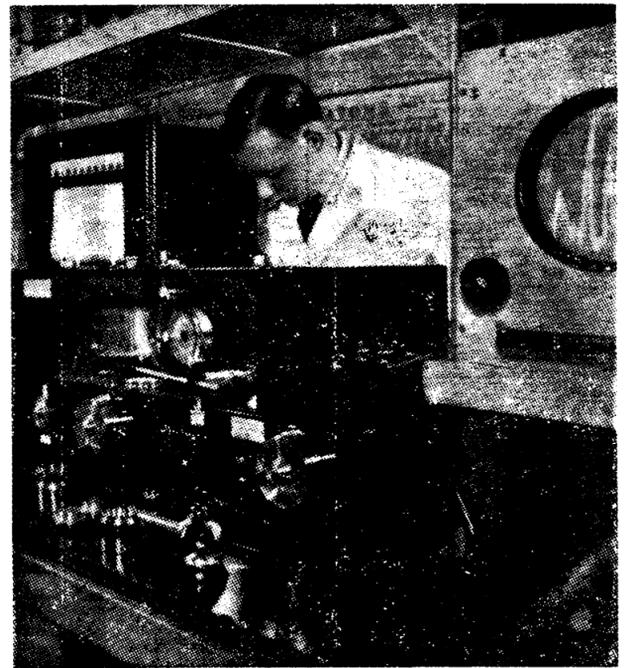
O exemplo português, pela modestia dos estudos realizados e do número de casos em que a «luta biológica» foi empregada, não serve de regra, entretanto não se podem deixar de levar em consideração os resultados obtidos pelo menos em relação a duas pragas, a Icéria e a Cochonilha dos coqueiros.

COMEÇOU A FUNCIONAR

A PRIMEIRA FÁBRICA DE GLICERINA SINTÉTICA INSTALADA NA EUROPA

A primeira fábrica para a produção de glicerina sintética na Europa (a única que passa a existir fora

de glicerina de elevada pureza é já há anos aplicado nos Estados Unidos, em larga escala, pela Shell Chemi-



Um espectómetro de raios infra-vermelhos para estudar a estrutura das moléculas dos hidrocarbonetos e orgânicos, usado na investigação científica de produtos químicos e petrolíferos

dos Estados Unidos) começou a funcionar na refinaria do Grupo Royal Dutch / Shell em Roterdão.

Essa fábrica, que trabalha por sistema contínuo de produção, constitui a parte final de um conjunto fabril instalado para a produção de uma série de produtos químicos industriais afins, do qual a primeira unidade começou a funcionar em Dezembro de 1956. Estes produtos permitirão reduzir grandemente as importações da área do dólar.

A glicerina é um produto químico com grande número de aplicações. Utiliza-se, principalmente, no fabrico de produtos farmacêuticos, resinas alquídicas para a indústria de tintas, cosméticos, celofane, etc.

A princípio, considerava-se a glicerina apenas como um subproduto da indústria do sabão. Contudo, o trabalho de investigação científica realizado pela Shell Development Company na Califórnia levou ao desenvolvimento de um método de fabrico de glicerina sintética, a partir do propileno, um hidrocarboneto obtido por tratamento do petróleo bruto.

O processo sintético que produz

cal Corporation. E o produto satisfaz inteiramente as rigorosas exigências de qualidade que lhe impõem as indústrias alimentar e farmacêutica.

O «SPAGHETTI» ESTÁ MAL DISTRIBUÍDO NA DIETA DOS ITALIANOS

Os hábitos de nutrição dos italianos estão decididamente errados — eis a conclusão a que acabam de chegar os nutricionistas. Segundo essa conclusão, os italianos deviam comer um bom prato de «spaghetti» logo de manhã, às oito horas, antes de seguirem para o trabalho.

De acordo com os dados de uma estatística recente, 40 por cento das pessoas da classe média tomam de manhã apenas uma xícara de café com açúcar, sendo este o único «alimento» contido em tal bebida. Ora o açúcar utilizado no café não produz mais de 30 calorias.

Outras pessoas, cujo total se eleva a 30 por cento, tomam pela manhã um «cappuccino» (café com leite) e 18 por cento um «cappuccino»

acompanhado por pão com manteiga, o que produz 100 calorias.

Apenas 2,5 por cento comem mais de uma fatia de pão com manteiga ou com compota e semente 1,5 por cento — ou seja: uma pessoa em 66 — comem ovos com presunto pela manhã. Finalmente, 8 por cento não comem mesmo nada.

Daqui conclui o nutricionista Luigi Rossi que 78 por cento dos italianos não comem nada durante 17 horas por dia, entre o jantar e o almoço, concentrando as refeições nas outras 7 horas.

Rossi considera esta prática errada, pois que a gordura e a obesidade tanto podem ser provocadas por excesso de calorias, como pela má distribuição das calorias durante o dia.

Anedotas

Num avião viaja um antropófago. A hospedeira de bordo entrega-lhe o menu para escolher. Resposta do antropófago, depois de o percorrer demoradamente com a vista: — Não me agrada! Traga-me antes a lista dos passageiros!

Um cavalheiro entra no consultório de um veterinário com um cãozinho.

— Desejo — diz — que o doutor corte a cauda ao meu cão.

— Estou pronto a fazê-lo, meu caro senhor, mas não acha que sem cauda ele não fica tão bem?

— Acho. Mas corte-a. A minha sogra chega amanhã e eu não quero lá em casa a mínima manifestação de simpatia.

Dois compadres confiam, mutuamente, as suas mágoas:

— Calcula que a minha mulher passa o tempo a falar sózinha!

— A minha também — responde o outro. — Mas não dá por isso. Julga que estou a ouvi-la!

Do Concelho

Caldas de Vizela

Visita Pastoral

Sua Ex.^a Reverendíssima o Senhor D. Francisco Maria da Silva, venerando Bispo Auxiliar de Braga, deslocou-se no pretérito domingo a Vizela, em visita oficial à freguesia de S. Miguel das Caldas.

Pouco passava das 13,30 horas, quando o Senhor D. Francisco Maria da Silva chegou ao largo da Estação, onde se concentrava uma grande multidão de vizelenses, o corpo activo dos Bombeiros Voluntários de Vizela com o seu comandante, que prestou a guarda de honra, a Banda de Música da Sociedade Filarmónica Vizelense, e as seguintes representações: Senhores Tenente Delfim D'as, Faustino de Castro e Francisco Ribeiro, membros da Junta de Freguesia de S. Miguel da Caldas; Artur Teixeira da Costa e Silva, Conde de Azevedo, Joaquim Honório Abreu, Presidente da Casa do Povo de Vizela; José Luís de Almeida, Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Vizela, etc., etc.

O ilustre visitante, após ter recebido os cumprimentos das individualidades presentes e entidades representativas locais, dirigiu-se em cortejo automóvel para a Praça da República, onde no edifício das Escolas Primárias se realizou uma sessão solene de boas-vindas que foi presidida por Sua Ex.^a Reverendíssima, tendo a ladeá-lo os Senhores Conde de Azevedo e Artur Teixeira da Costa e Silva; noutros lugares os Srs. Manuel Alves da Fonseca e Castro, Carlos da Silva Areias, António Santos Simões, Faustino de Castro, Joaquim Ribeiro Ferreira, Joaquim Honório de Abreu, Adelino Machado Leite, Padre Ezequiel de Freitas, Pároco de Moreira de Cónegos, e Padre José Carvalho Guimarães, Pároco de Infias.

Em primeiro lugar usou da palavra o Sr. António Urgez dos Santos Simões, em nome do povo da freguesia, para saudar Sua Ex.^a Reverendíssima e dizer que já está concluída a avenida, mas que se encontra despida, porque espera a construção da nova Igreja, que embora não dependa da acção do ilustre visitante, está no seu desejo de devotadíssimo Pastor a quem julga poder assegurar que o seu início não demorará.

De seguida, os meninos Maria Manuela Simões e José Manuel Simões ofereceram a Sua Ex.^a Reverendíssima um lindo ramo de cravos.

Por último falou o Sr. D. Francisco Maria da Silva, que agradeceu a maneira carinhosa como havia sido recebido, fez o elogio do Pároco da freguesia, Rev. Padre de Sousa Monteiro, e por fim fez votos pela rápida construção da nova Igreja, uma das mais legítimas e imediatas aspirações de todos os habitantes daquela ridente freguesia.

Seguidamente organizou-se uma solene procissão até à igreja paroquial, onde Sua Ex.^a Reverendíssima ministrou o Santo Crisma, tendo sido iniciado, às 19 horas, um Sagrado Lausperone que viria a terminar pela mesma hora de segunda-feira, e logo se deu início à Missa cantada em honra de São Miguel, terminando assim em apoteose o programa festivo da primeira visita do Sr. D. Francisco Maria da Silva à freguesia de São Miguel das Caldas.

1.º Grande Festival de Folclore em Vizela

Não obstante a incerteza do tempo, esteve muito concorrido este 1.º Grande Festival que se realizou no passado domingo no Parque das Termas.

Este certame, que despertou grande interesse aos milhares de pessoas que a ele assistiram, foi ganho pelo Rancho da Alegria de S. Martinho do Campo, tendo concorrido mais os seguintes agrupamentos: Rancho Folclórico de Vizela, Rancho Regional das Aves, Rancho Folclórico das Aves e Rancho de Santo Honorato.

O júri foi presidido pelo Sr. Professor Mota Leite, director artístico

do Rancho Dr. Gonçalo Sampaio, de Braga.

O vencedor da Taça Simpatia foi também o Rancho da Alegria, seguido dos: Rancho Folclórico de Vizela, Rancho Regional das Aves, Rancho Folclórico das Aves e Rancho de Santo Honorato.

Visita Pastoral à freguesia de S. João das Caldas

No próximo domingo Vizela vai de novo receber festivamente a visita do seu Prelado, ou representante, que desta vez vem em visita oficial à freguesia de S. João das Caldas.

Teatro Cine-Parque

Apresenta hoje, às 15,15 e 21 h., mais um encantador filme da linda Romi Schneider (Sissi), *Parada Imperial*. (Espectáculos para maiores de 12 anos).

Farmácia de serviço

Hoje está de serviço permanente a Farmácia Campante, Tel. 48272.

Caldas das Taipas

Ainda a Inauguração do Posto Clínico

Conforme referiu o *Notícias de Guimarães*, a inauguração do Posto Clínico das Taipas revestiu-se de grande solenidade.

Os Srs. Ministro das Corporações, Governador Civil e Presidente da Câmara foram recebidos pelas pessoas gradadas da região e por muitos trabalhadores, tendo tomado parte na recepção os Bombeiros Voluntários com a sua magnífica fanfara e a Banda das Taipas.

O povo soube compreender o significado dos discursos proferidos e exultou de contentamento ao tomar conhecimento das anunciadas disposições sobre previdência, feitas por Sua Ex.^a o Ministro das Corporações.

Os Srs. Dr. Fernando Monteiro e João Baptista Leite de Paiva, respectivamente Presidente e Administrador Delegado da Junta de Turismo, devem estar satisfeitos por verem coroada do maior êxito a sua iniciativa e esforços para que tudo decorresse com brilho e entusiasmo. De louvar também os Bombeiros Voluntários e as Juntas de Freguesia da região pelo concurso dispensado.

Avenida Salazar

Continuam as obras de pavimentação da Avenida Salazar, esperando-se que devam encontrar-se concluídas no prazo estabelecido.

Sociedade

Em Briteiros (Santo Estêvão) tem estado o Sr. Dr. Castro Ferreira e Família.

— Na Quinta do Paço, em Briteiros (Salvador), o Sr. José Barbot e Família.

— Em Santa Leocádia de Briteiros, o banqueiro Sr. Silvano Magalhães e Família.

— Na Quinta do Monte, desta Vila, o Sr. Elísio Pereira do Vale, esposa e netos.

— Em Ponte (S. João), o Senhor Dr. Carlos Paiva e Família.

— Na Freiria, a Sr.^a D. Angélica Pizarro de Almeida.

— Em São Cláudio do Barco, o Sr. Cassiano da Graça Leal e Família.

— Na Quinta de Cima de Vila, o Sr. Dr. Paulo de Cantos e Família.

— Na Casa da Mogada, a Sr.^a D. Margarida Carvalho Crato.

— Retiraram para o Porto, depois de concluído o seu tratamento nestas termas, os Srs. Dr. Francisco da Cunha Mourão; Francisco Gomes e esposa; Francisco Peneda e esposa; Dr. Aires Ferreira e Família e Professor Jorge Guimarães, esposa e filho; e à Póvoa de Varzim, o Senhor Ferreira da Silva, Director da Ag. do Banco Português do Atlântico.

— Depois de merecidas férias, regressou a Vila Verde o Sr. Dr. Flávio Martins de Sousa, estimado De-

legado do Procurador da República naquela comarca e nosso prezado conterrâneo.

Agradecimento

O nosso estimado amigo e distinto colega de Covas, teve a bondade de se referir ao nosso aniversário, ocorrido há dias, com palavras de verdadeira amizade.

Daqui lhe dirigimos o nosso agradecimento. — C.

Campelos

Reunião de curso

Estiveram reunidos na passada terça-feira, na residência paroquial de S. João de Ponte, os antigos discípulos do curso teológico de 1934-38 do Seminário Conciliar de Braga. De manhã houve uma missa por alma dos professores e alunos falecidos, celebrada pelo Rev. Padre Joaquim Torres, pároco da freguesia acima referida e acompanhada a cánticos pelas crianças da catequese, a que assistiram quase todos os clérigos do referido curso. A homilia foi proferida pelo Rev. Padre Benjamim Salgado, pároco de Reguião — Famacioso, que dirigiu aos presentes substancial alocução alusiva ao acto. Após estes actos religiosos, foi servido o almoço de confraternização na residência paroquial desta freguesia, que deu motivo a amistosos brindes. Depois do repasto foram visitados alguns pontos pitorescos da freguesia, assistindo ainda os ilustres sacerdotes a um dos mais belos costumes regionais: — as vindimas, que estão nesta altura a decorrer animadamente.

Falta de luz

Não obstante a deficiente iluminação eléctrica nesta localidade, existem certas lâmpadas que se encontram apagadas há já bastante tempo. Informado de que a culpa não cabe ao encarregado local da substituição das lâmpadas gastas, pois a origem do defeito não resulta destas, chamamos a devida atenção da respectiva empresa, para que quanto antes mande proceder ao seu conveniente arranjo. Mesmo o Inverno está à porta e como a nossa estrada se encontra em péssimo estado de conservação, mais se faz sentir a falta de luz, para se poder ver onde se podem pôr os pés, a salvo dos charcos de água e lama... Que martírio!

Falta de carrinhas ao domingo

Com o movimento extraordinário que se está a verificar ao domingo, principalmente quando há futebol em Guimarães, torna-se necessário aumentar as carreiras de caminhetas com passagem nesta localidade. Era conveniente, como aos sábados e às segundas-feiras, que ao domingo também houvesse o mesmo número de carreiras, facilitando assim as deslocacões em massa dos adeptos do futebol e outras pessoas, que nestes dias precisam de deslocar-se e não têm outro meio de transporte.

Desastre de viação

Quando, no passado dia 29 do mês findo, se dirigia, juntamente com outras crianças, da igreja paroquial de S. João de Ponte, após ter terminado a catequese, para a casa, no lugar da Freiria, desta freguesia, ao atravessar a estrada nacional foi colhida mortalmente pelo automóvel M T 19-40 da marca «Mercedes-Benz» pertencente ao Senhor Augusto Pinto Lisboa, industrial no Pevidém e conduzido pelo motorista Abílio da Silva, de Covas, a menor Rosa Mendes Fraga de 6 anos de idade, filha de Serafim Fraga e de Maria Rosa Mendes. A infeliz criança foi imediatamente transportada ao Hospital de Guimarães, aonde chegou quase sem vida. A P. V. T. tomou conta do lamentável desastre.

Vila Nova de Sande

Têm-se-nos queixado várias pessoas desta freguesia do estado de abandono em que se encontra o cemitério paroquial, o que afinal já também o constatamos. Mal se divisam as sepulturas com tantas plantas daninhas que lá vicejam, sem que apareça a sachola benfazeja do coveiro, a dar outro aspecto mais decente àquele recinto sagrado. Ali jazem entes queridos, entre os quais se encontra o saudoso

Padre Francisco Salazar, abade da freguesia, a merecer melhor consideração daqueles que quando em vida fora verdadeiro amigo. Limpe-se e asseie-se o quanto possível aquele Campo Santo, onde dormem o sono derradeiro parentes e amigos e que num futuro, talvez muito próximo, será também morada de todos nós. Aqui fica, pois, a consideração da autoridade local, a queixa, aliás justíssima, de alguns bons habitantes da freguesia de Vila Nova de Sande. — C.

De Lordelo

Rancho Recreativo de S. Martinho

Este brilhante e novel agrupamento da vizinha freguesia de S. Martinho do Campo, deslocou-se no passado domingo, dia 21, a Santo Tirso, onde foi tomar parte num festival folclórico organizado pela Humanitária Associação dos Bombeiros Voluntários Tirsenses, conjuntamente com os Ranchos de Santo André de Sobrado, Grupo Etnográfico das Aves, Rancho Regional das Aves, Rosas de Vilarinho e Rancho Típico de Santa Maria da Reguenga.

O Rancho Recreativo de S. Martinho exibiu-se em vários números do seu repertório, tendo merecido constantes aplausos da numerosa assistência, destacando-se, «canta comigo António» e «viva a folia», números estes que foram apresentados em extra-programa e registados perante as câmaras da Rádio Televisão Portuguesa, ali representada por uma brigada de exterior.

Pela Guarda Nacional Republicana

Tem sido intensa e a todos os títulos louvável, a actividade da G. N. R. desta freguesia, sob o comando do Sr. José de Magalhães, pois no decorrer da primeira quinzena do mês passado apresenta o seguinte movimento:

Cinco queixas por ofensas corporais; 6 autos de transgressão; 3 participações por furto; uma por ameaças e danos e outra por injúrias e palavras ofensivas à moral pública.

Grandes Festas «Fim de Verão»

Nos próximos dias 11 e 12 do corrente, vão realizar-se grandes festas «FIM DE VERÃO» do Rancho Recreativo de S. Martinho, estando já assegurada a colaboração do Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo, Rancho Regional das Aves, Vila das Aves, etc.

No próximo número daremos o programa mais pormenorizado. — C.

Guardizela

Oferendas

Por motivo duma festa a realizar no próximo domingo em Riba d'Ave, o leilão de oferendas para a residência paroquial de Guardizela, oportunamente anunciado para aquele dia, foi transferido para o domingo seguinte, dia 19.

Novo assinante

Deu-nos o prazer da sua assinatura para este jornal o Sr. Guilherme Augusto da Silva Nicolau, motorista às ordens do Sr. Conde de Riba d'Ave na sua Quinta do Barão, em Carvalhos, gentileza que muito agradecemos.

Correio de graça

J. da Silva Nicolau — Bairro — Grato pelo novo assinante. E que nos diz com respeito ao «Notícias» do Enigmista?

A. Ferreira — Bairro — Recebeu o livro? E essas charadas, vão ou não?

Curiosidades

Lisboa anda alarmada com os «fenómenos» ocorridos numa «casa assombrada» em Almada e «pelo sim... pelo não» os respectivos moradores já a abandonaram, pois «não sabem o que pode vir a acontecer» uma vez que se dá por pedras que caem não se sabe de onde e objectos que mudam inexplicavelmente de sítio. Um martelo, por exemplo, guardado na gaveta da despensa foi cair no fundo da cozinha e um pires de baixo dum vaso com uma planta saiu do seu lugar, no corredor, e foi estilhaçar-se também na cozinha.

Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

Sessão de Mesa de 5 de Setembro de 1958

Sob a presidência do Ex.^o Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Depois de lida a acta da sessão anterior, esta foi aprovada por todos os presentes, entre os quais se encontrava o Mesário Sr. Joaquim de Sousa Oliveira, que disse não ter podido assistir àquela sessão por motivo de força maior.

Em virtude das deficiências existentes no Hospital Geral, a cargo desta Misericórdia, a Mesa resolveu enviar a Sua Ex.^a o Senhor Ministro da Saúde e Assistência, o seguinte ofício:

«Ofício n.º 377-58 — Senhor Ministro da Saúde e Assistência

Excelência:

A Mesa Administrativa desta Misericórdia deliberou, na sua última sessão, realizada no passado dia 5, manifestar a V. Ex.^a os seus propósitos de uma colaboração leal e sincera e de, ao mesmo tempo, lhe expor o seguinte:

Como já é do conhecimento da Direcção Geral de Assistência e da Comissão de Construções Hospitalares, o problema hospitalar neste concelho, cuja população se eleva a mais de cem mil habitantes, continua a não corresponder às necessidades mais urgentes dessa modalidade assistencial, não só por se tratar do concelho mais populoso deste Distrito, mas ainda por existir nessa população uma importante percentagem do elemento operário, designadamente do que se emprega na indústria têxtil, uma das mais importantes do País.

Embora se trate dum Hospital Subregional, cuja categoria igualmente não corresponde àquela a que esta terra deve ter direito, tem um distinto e numeroso Corpo Clínico, quer para clínica de cirurgia, quer para a de medicina, quer também para as diversas especialidades.

No entanto, a deficiência do edifício hospitalar não permite que todos os serviços funcionem em condições satisfatórias, por falta de instalações adequadas, verificando-se, por outro lado, que o número de leitos, incluindo as enfermarias gerais, as enfermarias-abrigo e o pavilhão destinado a doenças infecto-contagiosas, não vai além de 187.

Apesar de assim acontecer, o número diário de doentes internados frequentemente é superior a 200, aproveitando-se para isso todo o espaço possível para a colocação de leitos suplementares, não obstante se reconhecer que são afectados os preceitos higiénicos.

Todavia, procede-se assim pela força das circunstâncias, isto é, sempre que surgem casos em que os respectivos clínicos ordenam o internamento imediato e que, portanto, não se pode recorrer ao tratamento externo.

Estas e outras deficiências, como a dum Bloco cirúrgico, a duma enfermaria privativa para crianças, a duma maternidade nas devidas condições, etc., justificarão, certamente, a esclarecida atenção que V. Ex.^a não deixará de dispensar ao problema hospitalar de Guimarães, tanto mais que, como já acentuou, a Direcção Geral de Assistência e a Comissão de Construções Hospitalares possuem elementos comprovativos das principais necessidades hospitalares às quais acabo de fazer referência, embora em forma sucinta.

Para melhor elucidar Vossa Ex.^a acerca da quantidade e da qualidade dos serviços deste Hospital, tomo a liberdade de enviar, em

O facto parece que não admite brincadeiras e aos alfacinhas a esta hora já deve ter acontecido como ao *Manual das Cebolas*. Mas, seja como for, o caso não é inédito, pois cá na freguesia não faltam «casas assombradas» que foram abandonadas para nunca mais. — C.

nota junta, o movimento hospitalar referente ao ano findo.

Apresento a V. Ex.^a os meus respeitosos cumprimentos. — A bem da Nação. Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, 6 de Setembro de 1958. — O Provedor, (a) *Mário de Sousa Meneses*.

Em seguida, tomou conhecimento do seguinte expediente:

— Ofício de Sua Ex.^a o Senhor Presidente da República e cartão de Sua Ex.^a o Senhor Ministro da Saúde e Assistência, a agradecer as saudações que a Mesa lhes dirigiu por ocasião da sua posse.

DELIBERAÇÕES

— Deferir o requerimento do Senhor Joaquim de Oliveira Guimarães e da Senhora D. Maria Amara Guimarães, depois do parecer favorável do Advogado desta Santa Casa, Ex.^o Sr. Dr. Pinto dos Santos.

— Deferir o requerimento do Sr. Joaquim Pereira da Silva, amaneuse da Secretaria, no qual pede 15 dias de licença, visto ter informação favorável do Senhor Secretário.

— Tomar providências no sentido de ser aplicada em melhoramentos na enfermaria-abrigo, a verba de 77.334\$70, concedida pelo I. A. N. T., conforme consta da acta anterior.

— Deferir o pedido da Senhora Dr.^a Edviges de Azevedo Pereira Machado, para se ausentar durante o mês de Setembro para tratamento.

— Agradecer à Caritas Portuguesa a oferta feita ao Asilo de Inválidos, em Donim, constante de: — 4 caixas de leite, 2 sacos de farinha de milho e 2 caixas de queijo.

— Admitir no Recolhimento das Trinas, Teresa de Sousa Pinto, de 63 anos de idade, viúva, natural da freguesia de Penelo, deste concelho e residente na Rua da Caldeira, desta cidade.

— Aprovar o Balancete do Cofre, apresentado pelo Senhor Tesoureiro e verificar o cumprimento de todos os legados.

— Registrar, com muito reconhecimento, os seguintes donativos:

Dos Ex.^{os} Srs. Francisco Fernandes Guimarães, de Urgez, 40 colmeiros; Pároco da Freguesia de São Tiago de Candoso, 26 colmeiros; e do Pároco de Mesão Frio, 22 colmeiros.

— Finalmente o Ex.^o Provedor declarou que se ausentava durante o corrente mês, ficando a substituí-lo o Senhor Secretário, Padre Luís Gonzaga de Sousa Fonseca, em virtude do Senhor Vice-Provedor, Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves, se encontrar também ausente, sendo ainda tratados outros assuntos de interesse para a Instituição e registado o movimento de doentes no mês de Agosto findo:

Hospital da Misericórdia de Guimarães

Movimento Hospitalar no mês de Agosto de 1958

Doentes internados, 268; Dias de permanência dos mesmos, 7.462; Consultas no Banco, 532; Curativos nos diversos postos, 1.517; Injeções aplicadas, 3.941; Tratamentos de ginecologia, 71; Tratamentos de agentes físicos, 592; Operações de grande cirurgia, 43; Operações de pequena cirurgia, 25; Número de receitas abonadas a externos, 491; Banhos, 227.

Consultas de especialidades

Oftalmologia, 156; Otorrinolaringologia, 54; Cardiologia, 6; Tisiologia, 57; Urologia, 2; Ortopedia, 42; Ortodôncia, 2; Análises clínicas, 380; Exames radiológicos, 230.

PHILIPS RÁDIO E TELEVISÃO

AGÊNCIA OFICIAL

A. GOUVEIA

GUIMARÃES:

Avenida Conde Margaride
Rua de Paio Galvão

TELEFONES 40436 e 4294

SANTO TIRSO

Largo Coronel Baptista Coelho

Presentemente cerca de dois mil clientes de **Rádio e Televisão Philips**, estão plenamente satisfeitos porque têm beneficiado da assistência técnica da firma

A. Gouveia

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 27 de Setembro, o nosso prezado amigo e solícito correspondente nas Caldas das Taipas, sr. José de Oliveira, activo presidente da Junta de Freguesia de Caldelas, e o sr. Aníbal Augusto Leite da Cunha; no dia 6, a sr.^a D. Maria Virgínia Peixoto de Faria, filha do nosso prezado amigo sr. Armino Faria e de sua esposa a sr.^a D. Maria do Carmo Sousa Peixoto de Faria, e o sr. Adão Peixoto da Costa; no dia 7, a sr.^a D. Ana da Glória Belino Pereira Mendes Oliveira e os nossos prezados amigos srs. dr. João Rocha dos Santos e coronel António de Quadros Flores; no dia 8, o nosso prezado amigo sr. Adérito Fernando de Oliveira Guimarães, industrial em Braga e a menina Emília Madalena, filha do sr. António Fernandes e da sr.^a D. Custódia Costa e neta do nosso bom amigo sr. José da Costa, de Conas; no dia 9, o sr. D. António Paço Vitorino e mademoiselle Maria Fernanda Lopes Pires, filha do nosso prezado amigo sr. Henrique Pires; no dia 10, os nossos prezados amigos srs. tenente-coronel Francisco Martins Ferreira, Arnaldo de Sousa Guise, dr. António Rodrigues da Rocha, Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro, João Ribeiro Dias, Pedro de Sousa Carvalho e João Carvalho Martins; no dia 11, a sr.^a D. Francisca de Oliveira Abreu, mãe do nosso amigo sr. Manuel de Freitas, e os nossos prezados amigos srs. Adelino Ribeiro de Abreu, do Pevidém e Manuel Fernandes, cap. Henrique Alberto de Sousa Guerra Júnior e Manuel Bastos; no dia 13, os nossos bons amigos srs. Manuel Joaquim Vieira da Cunha Machado (Teibão), eng.^o Leonel Marques Rodrigues e Francisco Albano Gonçalves Dias de Castro

«Notícias de Guimarães» apresentamos os melhores cumprimentos de felicitações.

Faz anos no próximo dia 11, a sr.^a D. Maria da Madre-de-Deus Almeida Ribeiro, estremosa esposa do nosso prezado amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior, concelheiro industrial.

Senhora dotada de um coração bondosíssimo, tem sabido ser o amparo de muitas pessoas que à sua generosa protecção recorrem.

Felicitando a bondosa senhora, fazemos votos pela continuação de sua preciosa saúde.

Praias e Termas

Com sua família regressou de Ponte de Lima, à sua casa nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. Visconde Viamonte da Silveira.

— Regressaram com suas famílias, de Leça da Palmeira, os nossos prezados amigos srs. Arnaldo Trancoso P. Falcão, João de Sousa Neves, Prof. Alberto Vasconcelos, Joaquim A. M. de Vasconcelos e Francisco Maia.

— Com suas famílias regressaram da Póvoa de Varzim, os nossos prezados amigos srs. dr. Francisco Moreira Sampaio, dr. Alberto Moreira Sampaio, António José Trindade, António Rodrigues de Oliveira, Constantino da Costa Lameiras, José Neves Correia Gomes, Humberto Dias Pereira, Francisco da Fonseca Ferreira, José Abílio Gouveia, Mário Rodrigues de Paiva, António de Carvalho, Patrício de Castro Henriques, José de Freitas Teixeira, Manuel Cosme Baptista Vieira, Arnaldo Alpoim da Silva Meneses, Vitorino Ferreira, José Barbosa de Abreu, Francisco Machado, Joaquim Fernandes Marques, Alexandre Teixeira da Silva, António Faria Martins, Luís Mendes Lopes Cardoso, António J. Gomes Cerqueira, David Cepa, Aurilino Ferreira Alves, Manuel Martins Ribeiro da Silva, Mário Gomes Alves, António da Silva e Castro, Francisco Reinaldo Ferreira, Rafael José Ferreira de Carvalho, Manuel C. Martins, Fernando de Sousa Melo, Afonso Machado, João Luís Pereira Brites, Joaquim Pereira da Cunha, Alvaro de Jesus da Silva Martins e Carlos Alberto Cardoso; as sr.^{as} D. Julieta Pereira da Silva e D. Augusta Maciel de Sousa, a família do nosso amigo sr. David Cardoso Martins, Manuel Joaquim Pereira de Carvalho e Francisco de Assis Pereira Dantas e a família do sr. João Saavedra, chefe da P. V. T.

— Da mesma Praia regressaram com suas famílias, ao Porto, os nossos prezados amigos srs. João

Pedro de Sousa Guise e Adrião Abílio Saraiva Martins, e a Moreira de Cónegos, os também nossos bons amigos srs. Isac Ferreira de Oliveira Guimarães e António Alves da Costa Abreu.

— Com suas famílias regressaram de Espozende, os nossos bons amigos srs. dr. Francisco Pereira da Silva Freitas e Abílio Gonçalves, e de Vila do Conde ao Pevidém, o nosso bom amigo sr. João de Castro.

— Com sua esposa regressou da sua Casa Rústica, das Pedras Salgadas, a Lisboa, o nosso querido amigo sr. Dr. Nuno Simões.

— Regressou do Vidago a Ronfe, o nosso prezado amigo sr. António Teixeira de Melo.

— Com suas famílias regressaram de Vila Pouca de Aguiar, a esta cidade, os nossos prezados amigos srs. Fernando Lage Jordão e Alberto Joaquim de Freitas Saraiva.

— Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Dr. Adélio Sampaio de Castro.

Partidas e chegadas

Com sua família regressou de Gomide, o nosso prezado amigo e illustre Provedor da Misericórdia, sr. Prof. Mário Meneses.

— Com sua esposa regressou de Coimbra, o nosso prezado amigo e distinto Professor da Escola Técnica, sr. dr. Santos Simões.

— Regressou com sua família, de Castelo Branco, o nosso prezado amigo e illustre Vice-reitor do Liceu, sr. dr. J. Catanas Diogo.

— Com suas famílias regressaram também, a esta cidade, os distintos professores e nossos bons amigos srs. dr. Carlos Vieira e dr. José Lopes Craveiro da Silva.

— Com sua família regressou das suas propriedades de Penouços, o nosso prezado amigo sr. Francisco Ramos Martins Fernandes.

— De Vinhais, regressou a Caminha, o nosso querido amigo sr. dr. Manuel José Ferreira da Costa.

— Com sua família regressou da Lixa, o nosso prezado amigo sr. Prof. António Dias de Amorim.

— Com sua família regressou de S. Tiago de Candoso, o nosso prezado amigo sr. Luís Ribeiro Loureiro.

— Partiu para Lisboa, o sr. Carlos Henrique Cameirão Leite da Cunha, aluno do Colégio Militar.

— Com sua esposa e com demora de algumas semanas, parte amanhã para o Funchal (Ilha da Madeira), o nosso prezado amigo sr. Inácio Ferreira da Costa.

— Partiu para as suas propriedades de Jagueiros (Felgueiras), o nosso prezado amigo sr. António de Castro Pereira, funcionário Superior do Tribunal Judicial.

— Com sua esposa esteve nesta cidade, e deu-nos o prazer da sua visita, o nosso bom amigo sr. Francisco Alvaro Martins da Silva Campos.

— Com suas esposas estiveram nesta cidade, os nossos prezados amigos srs. dr. João Carlos de Sousa Vaz Vieira, dr. José Mariade Moura Machado e eng.^o António José Mendes da Silva.

— Também cumprimentámos nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. Júlio Augusto de Magalhães Vasconcelos, digno gerente do Banco N. Ultramarino, em Felgueiras.

— Regressaram de Lisboa, os nossos prezados amigos srs. dr. Manuel Jesus de Sousa e José Machado Vaz.

— Com sua família regressou das suas propriedades da Rabata (Taipas) o nosso prezado amigo sr. dr. José da Conceição Gonçalves.

— Com sua família regressou de Vila Pouca de Aguiar a sr.^a D. Maria da Glória Saraiva Pereira.

— Regressou de Fão o nosso prezado amigo sr. P.^o Avelino Pinheiro Borda, e, de Monsul, os nossos prezados amigos srs. P.^o José Carlos Simões de Almeida e Manuel da Costa Pedrosa.

— De Landim (Famalicão) regressou a esta cidade o nosso querido amigo e ilustrado Prior de S. Paio, rev. Luís Gonzaga da Fonseca.

— Com sua família regressou das suas propriedades de Louro (Famalicão) o nosso prezado amigo sr. Dr. Daniel Nunes de Sá, illustre Director da nossa Escola Técnica.

— Regressou de Remelhe (Barcelos) a família do nosso prezado amigo sr. Eng. Helder Rocha.

— Deu-nos o prazer da sua visita, o nosso bom amigo sr. Manuel dos Santos Carneiro.

— Com sua família regressou de Vila Pouca de Aguiar, a esta cidade, os nossos prezados amigos srs. dr. José Emílio Vieira de Andrade, e dr. Fernando Pizarro de Almeida.

— Em quarto particular do Hospital da Misericórdia, encontra-se em tratamento a sr.^a D. Zara David Pimenta, esposa do nosso prezado amigo sr. António Maria Pimenta Machado.

— Tem passado incomodado, em consequência de um acidente de viação que há dias sofreu no Porto, o nosso prezado amigo sr. Augusto Guerra Junqueiro, estimado proprietário em Freixo de Espada à Cinta.

— No Hospital, foi há dias ope-

rado pelo sr. dr. António Paúl, coadjuvado pelo sr. dr. Carlos Saraiva, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. José Fernandes de Melo, sendo satisfatório o seu estado.

— Da Casa de Saúde da Boavista, no Porto, regressou à sua residência nesta cidade, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. João Carlos Soares.

— Tem experimentado sensíveis melhoras, o estimado comerciante nas Taipas e nosso bom amigo sr. Francisco da Silva Martinho.

— Desejamos a todos os doentes o mais rápido e completo restabelecimento.

Falec. e Sufrágios

JOSÉ DE OLIVEIRA PINTO

Na sua residência, na freguesia de Ronfe, finou-se quase repentinamente na quinta-feira de manhã, contando 78 anos de idade, o sr. José de Oliveira Pinto, proprietário da Farmácia do Povo, naquela



localidade e que era geralmente estimado, mercê das suas excelentes qualidades de carácter e de trabalho. Farmacêutico pela antiga Escola Médica Cirúrgica do Porto, possuía também o curso de Farmacêutico Químico.

O extinto, tendo militado no partido socialista, foi vereador da Câmara Municipal do Porto, e desenvolveu notável actividade em diversas associações mutualistas, tendo sido sócio fundador da «Luzosa de Portugal». Serviu durante muitos anos como Presidente da Assembleia Geral da Cooperativa «O Problema da Habitação» e foi fundador da Casa do Povo, de Ronfe, tendo sido também director da Casa dos Pobres, da mesma freguesia.

Desempenhou, com muito apuro, os lugares de Administrador do Concelho (Delegado do Governo) em Guimarães e de Vice-Presidente da Câmara, tendo estado durante bastante tempo em exercício na presidência do Município. Seguidamente ficou a fazer parte, como delegado das Casas do Povo, do Conselho Municipal, onde a sua voz por vezes se fazia sentir, em oportunas intervenções. E, no exercício das suas funções, ainda tomou parte na sessão do Conselho, realizado há menos de um mês.

Foi Director Técnico, durante 30 anos, da Farmácia da Liga da Associação de Socorros Mútuos do Porto, cargo que deixou em 1936 para se estabelecer em Ronfe.

O extinto era casado com a sr.^a D. Maria Helena Freitas Meneses Pinto, pai das sr.^{as} D. Maria Sofia Meneses Pinto de Araújo Rangel, casada com o sr. dr. Manuel de Araújo Rangel, e D. Fernanda Meneses Oliveira Pinto Viana, casada com o sr. Avelino Azevedo Viana e do sr. José Joaquim Meneses Pinto, casado com a sr.^a D. Maria Elvira Farnel Campos Meneses Pinto, avó do sr. eng.^o Joaquim Manuel e Rui Manuel, e das sr.^{as} D. Maria Helena, D. Maria Virgínia, D. Dulce Sofia, D. Maria Antónia Pinto Araújo Rangel; D. Maria Fernanda da Silva Meneses Pinto Pacheco, casada com o sr. Luís José Pacheco, e D. Regina Meneses Pinto e das meninas Ana Maria e Maria José M. Pinto; Avelino, D. Fernanda e José Carlos Meneses Pinto Riana, e bisavó da menina Maria João Pinto Pacheco.

Cumprindo-se as suas últimas disposições, não foi anunciado o falecimento, nem dado conhecimento do funeral, realizando-se este com tocante simplicidade, na manhã de anteontem, para o cemitério Paroquial, após a missa de corpo presente, que foi rezada pelo rev. Horácio de Araújo na igreja de Ronfe.

Não se fizeram turnos, nem houve dobre de sinos, nem foram colocadas flores sobre o modesto ataúde. Segundo a vontade expressa do querido morto, o seu caixão foi conduzido por 6 pobres e alumado por outros tantos, ficando sepultado em campa rasa.

Apesar de a notícia não ter sido tornada pública, muitas pessoas tanto de Ronfe, como desta cidade, do Porto e de Famalicão, tomaram parte no funeral, vindo-se entre a assistência os srs.: dr. José Maria de Castro Ferreira, presidente da

Câmara Municipal; António Teixeira de Melo, dr. Manuel de Melo, dr. Sousa Bastos, Armando Peixoto, José Carlos Fohadela de Melo, João A. da Silva Guimarães, em representação da Santa Casa da Misericórdia; Aníbal Dias Pereira, em representação da Cooperativa «O Problema da Habitação» e dos srs. dr. Francisco Pinto Rodrigues e Augusto Joaquim da Silva; Alvaro Deus de Castro, Narciso de Sousa Lobo, José Correia, muitas senhoras, etc., etc.

O *Notícias de Guimarães* fez-se representar no funeral pelo seu director, que também representou os srs. Comendador Alberto Pimenta Machado e Prof. Mário de Sousa Meneses.

No edifício da Câmara Municipal foi colocada a bandeira a meia haste, em sinal de luto. A família do nosso saudoso amigo apresentamos as mais sentidas condolências.

Sergento Duarte de Silva Palmeira

Contando 71 anos de idade e na freguesia de Calendário, em Vila Nova de Famalicão, faleceu no dia 27 de Setembro, o sr. Duarte da Silva Palmeira, 2.^o Sargento reformado, combatente das Campanhas de Macau, em que foi ferido. Era natural desta cidade e residia há mais de 35 anos em Famalicão. Era pai do nosso bom amigo sr. José da Silva Palmeira e sogro da sr.^a D. Ana de Oliveira Palmeira. O funeral, realizado naquela Vila, esteve muito concorrido. Os nossos pésames ao filho, nora e mais família dorida.

D. Maria do Espírito Santo Alves Neves

Na sua casa da Adeganha de Cima (Belos Ares), na freguesia de S. Romão de Mesão Frio, faleceu confortado com todos os Sacramentos da S. M. Igreja e com a projectividade de 84 anos, a Senhora D. Maria do Espírito Santo Neves, mãe da Senhora D. Maria Delfina Alves Neves e dos nossos prezados amigos srs. Manuel Dionísio Alves Neves e Simão Eduardo A. Neves (ausente no Rio de Janeiro) e nosso antigo e distinto Colaborador.

O seu funeral, para o qual não foram feitos convites, efectuou-se na 3.^a feira de manhã, para jazigo de família no Cemitério Municipal, em cuja Capela foram rezados os responsos por sua alma.

No préstito fúnebre tomaram parte pessoas de família e algumas das suas mais íntimas relações. Sentindo a morte da Veneranda Senhora, apresentamos a seus filhos, de um modo especial ao velho e querido amigo Simão Neves, as nossas mais sentidas condolências.

Vida Católica

Missa Nova do P.^o Geraldo J. Amadeu Coelho Dias Festa do Senhor e Comunhão Solene

Lordelo, 2.— Esta freguesia viveu no passado domingo um dos seus dias grandes, num ambiente verdadeiramente festivo, pelo motivo de subir pela primeira vez os degraus do altar um dos seus filhos, o rev. P.^o Geraldo J. Amadeu Coelho Dias, que este ano completara a sua ordenação na Ordem Beneditina de Singeverga, onde houvera obtido o melhor aproveitamento na sua carreira estudantil.

A Missa Nova foi integrada na Festa do Senhor e Comunhão Solene das crianças, coincidência que serviu para aumentar o brilho a este acontecimento.

Cerca das 10 horas, o novo presbítero subiu ao altar para celebrar a sua primeira missa, no que foi acolitado por dois monges beneditinos, sendo presbítero assistente o rev. Dr. Aurélio Martins Pereira, capelão do Hospital Narciso Ferreira, de Riba d'Ave e oriundo desta freguesia.

Pegaram às lavandas os srs. Luís Gonzaga Rodrigues Machado e Eduardo Rodrigues Machado.

Ao Evangelho sabiu ao púlpito Sua Paternidade o sr. D. Abade de Singeverga que, numa eloquente oração, falou sobre as grandezas do sacerdócio e teve palavras de carinho para com o novo sacerdote.

No final foi servido, no refeitório da Empresa Industrial S. Pedro, um luto almoço a todos os convidados, o qual decorreu com grande animação.

A procissão do Senhor saiu muito tarde, o que fez com que muitos pais das crianças da Comunhão e cruzada eucarística tivessem retirado já para suas casas, motivo por que esta ficou bastante prejudicada, em relação aos anos anteriores.

Pelo mesmo motivo também as duas bandas, a da Fábrica Rio Vizela e a dos Bombeiros Voluntários de Riba d'Ave, não tiveram o tempo necessário para o costumado combate, de tanto agrado para os apaixonados da música, por serem raras as vezes que têm a oportunidade de poder apreciar o renhido

duelo entre as duas filarmónicas.

Também o comércio local, devidamente preparado para um bom dia de negócio, como era de prever, não foi poupado ao prejuízo provocado pelo retardamento na saída da procissão.

No entanto, os festeiros não estão culpados neste assunto e justo é salientar-se a maneira como se houveram no cumprimento da sua missão, não se poupando a inúmeros sacrifícios para que tudo decorresse a contento geral. — C.

Lausperene Anual

Realiza-se hoje e amanhã o Lausperene Anual na Igreja da Misericórdia, servindo de paroquial de S. Paio, com o seguinte programa: Exposição do Santíssimo Sacramento no Trono, hoje, dia 5, às 18 horas, seguindo-se Missa e Hora de Adoração e Desagravo. A exposição não se interrompe durante toda a noite.

Termina amanhã, dia 6, com a bênção Eucarística, precedida de Adoração, Desagravos e Missa.

Congregação de Maria Imaculada (Homens)

Realiza-se, como habitualmente, no próximo domingo, dia 12, pelas 8 horas, na Basílica de S. Pedro, a reunião mensal desta Congregação, com missa, terço, prática, comunhão geral e Bênção do Santíssimo.

S. Francisco de Assis

No templo de S. Francisco está a decorrer a novena preparatória para a festa do seu Padroeiro. Ontem houve Missa Solenizada a vozes e harmónio, e no dia 9 principia o Tríduo Solene, com conferências por um distinto orador Franciscano, as quais se realizam às 7 e 21 horas.

No dia 12, Missa Solene às 11 horas, e de tarde, pelas 16 horas, admissão de novos irmãos, seguindo-se o terço, sermão, cerimónia do Tránsito de S. Francisco e Bênção do Santíssimo.

A parte coral será desempenhada pelo grupo coral do Seminário de Montaril.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à R. da Rainha, Telef. 4146.

O Mercado das Taipas

Chamaram a nossa atenção para o facto de às 2.^{as} feiras, na Vila das Taipas — tal como sucede em Vizela, dizem-nos — os vendedores ambulantes encostarem as suas tendas aos estabelecimentos da localidade, dificultando por vezes a entrada nestes da sua clientela.

Não há dúvida nenhuma que se trata de um abuso, que é necessário reprimir e as providências devem ser tomadas pelo Grémio do Comércio, a quem nos dizem ter sido feita já uma exposição, visto que lhe cumpre a defesa dos interesses dos seus associados.

D. Maria da Conceição Sampaio Guise

AGRADECIMENTO

Os filhos, noras e genro da extinta, agradecem por este único meio muito reconhecidamente, a todas as pessoas que lhes apresentaram condolências e tomaram parte no funeral da sua saudosa mãe e sogra, testemunhando-lhes a sua gratidão.

Guimarães, 2 de Outubro de 1958.

ANÚNCIO

Agostinho Rodrigues Guimarães, e esposa Maria da Glória Marques Rodrigues, proprietários, residentes no lugar da Torre, da freguesia de S. Cristóvão de Selho, desta comarca, vêm anunciar para todos os efeitos do art.^o 263 do Código de Processo Civil que revogam o mandato que por procuração haviam conferido a Joaquim Correia Gonçalves, casado, industrial, residente no lugar de Carramão, da freguesia de S. Martinho de Candoso, e a Vital Marques Rodrigues, casado, industrial, residente no lugar da Nora, da freguesia de Mascoteiros, ambos desta comarca, ficando, assim, estes

sem qualquer poder para, de futuro, os representarem na qualidade de procuradores, ilidindo-se, assim, qualquer presunção de boa-fe por parte de terceiros.

Guimarães, 3 de Outubro de 1958

Agostinho Rodrigues Guimarães
Maria da Glória Marques Rodrigues.

Notícias de Guimarães n.º 1997-5-10-1958

JUIZO FISCAL DO CONCELHO DE GUIMARAES

Anúncio-Arrematação

2.^a publicação

Pelo Juízo das Execuções Fiscais do Concelho de Guimarães, faz saber que no dia 9 de Outubro próximo, pelas 11 horas, à porta da garagem Avenida, sita na Avenida D. Afonso Henriques, desta cidade, se há-de proceder à arrematação pelo maior lance que for oferecido, dos bens abaixo designados e penhorados à firma Domingos Alves Machado & C.^a, L.^a, sita na Avenida D. Afonso Henriques desta cidade, para pagamento da quantia de oito mil novecentos e oitenta e três escudos, proveniente da Contribuição Industrial Grupo A, do ano de 1958, no processo de execução fiscal que a Fazenda Nacional move à dita firma, para pagamento da referida dívida, e bem assim os juros de demora, selos e custas até final dos seguintes bens automóveis:

Dois carros com a marca «Ford Vedett», com os números de matrícula «DI-15-95 e GF-15-94», em mau estado de conservação.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos, da firma executada.

Juízo das Execuções Fiscais, do Concelho de Guimarães, 17 de Setembro de 1958.

O escrivão das execuções fiscais,

Manuel de Oliveira de Araújo.

O Juiz,
(a) Joaquim de Sousa.

A Firma

Domingos Alves Machado & C.^a, L.^a, sita na Avenida D. Afonso Henriques, desta cidade, faz público o seguinte

ESCLARECIMENTO

Tendo sido publicado nos jornais locais um anúncio respeitante à arrematação de 2 automóveis «Ford Vedett», por falta de pagamento de contribuições em débito à Fazenda Nacional em nome desta Firma, cumpre-nos esclarecer as pessoas interessadas e o público em geral de que esta Firma vendeu e 6 de Junho de 1957 todas as suas viaturas de aluguer ao Sr. JOSÉ BENTO SOARES, ficando a cargo do mesmo o pagamento das contribuições, desde a data da venda. Como o comprador não pagou as contribuições nem fez a legalização das mesmas para seu nome, a Fazenda Nacional lançou a esta Firma as mesmas referentes ao ano corrente.

E assim, em defesa dos nossos interesses e de comum acordo com a Fazenda Nacional, procedeu-se à apreensão das respectivas viaturas, as quais representam os valores responsáveis pelas mencionadas contribuições, que depois de praciadas serão liquidadas à Fazenda Nacional, sem prejuízo algum para esta Firma.

Guimarães, 1 de Outubro de 1958.

A Gerência.

DESPORTO

TRÊS APONTAMENTOS

Festival do Futebol Minhoto

Retomamos acidentalmente esta epígrafe, pela circunstância de se aglomerarem assuntos diversos, merecedores de referência nesta secção.

Os leitores lembram-se certamente do tempo em que, neste sub-título, analisávamos casos ocorridos no desporto local ou regional, dignos de menção. O tempo passou e, talvez incompreendidos, modificamos de certo modo a nossa maneira de agir, não nos importando com certas atitudes, pois os homens passam (quantos já passaram?) e a marcha da vida continua...

As razões passadas porém cederam, e hoje, só outras ideias nos orientam, pois o exemplo do trabalho realizado ainda é o melhor argumento a favor de quem o pratica. O retorno a esta epígrafe justificou-se nas suas primeiras linhas e nada mais, portanto, há que mereça outras considerações.

Um dos assuntos a versar é a realização, hoje, do derby minhoto. Entendemos este encontro, como Festival do futebol da nossa região. Ele aglutina toda a multidão adepta do jogo no Minho e é parada demonstrativa da força do Desporto e da actividade turística que ele constitui.

Um Vitória-Braga ou um Braga-Vitória, é fonte de emoções das mais diversas índoles. Clubes rivais pela vizinhança das serras, provocam uma excitação, quando se defrontam, que justifica a ansiedade como são vividos os noventa minutos do decorrer dum encontro entre eles.

Hoje, uma vez mais, o panorama se repetirá, quando, para mais ainda, os dois Clubs tiverem um início, na Prova Maior, a chamar as atenções gerais.

Porém da luta a desenvolver no Campo da Amorosa deve ficar a perdurar um sentido de dignificação desportiva que honre os dois contendores.

Dois cidades vizinhas, ambas ricas de tradições e de valor, devem sempre espelhar um esforço comum de valorização, que engrandecerá a região em que são primeiras, uma por função administrativa, outra por qualidades inegavelmente de história e de trabalho.

Vitória-Braga, hoje, indiscutivelmente, é o Festival do Futebol do Minho, no Campo da Amorosa.

Abriu a caça

Na passada quarta-feira abriu a época da caça. Um dia de chuva, impróprio para se gozar o prazer dum dia passado no monte, tirou aos devotos de Santo Huberto o prazer total que constitui o primeiro dia do seu Desporto favorito.

Mesmo assim a nossa admirável montanha da Penha não deixou de se povoar de muitos adeptos da cinegética que, indiferentes ao temporal do dia, percorreram as suas encostas, satisfazendo um anseio, tão desejado.

Lá estivemos também, caçando no prato um opíparo almoço, que já passou a tradicional, num grupo de entusiásticos caçadores vimezanenses, que é chefiado pelo nosso amigo Alberto Pimenta Machado Júnior.

Outra vez?

O coro máximo de elogios tecidos ao Vitória pela sua exibição, no último domingo, no Barreiro, foi manchado (é o termo!) pela nota dissonante do comentário ao jogo publicado no jornal «O Primeiro de Janeiro».

Se isto, neste jornal, acontecesse uma vez só, podia-se entender como critério individual de apreciação, embora discutível, mas, vá lá, admissível de quem o fez.

Porém, é quase habitual tal atitude, o que nos leva aqui a registá-la.

Contrasta de tal maneira o referido comentário com todos os outros, que o mesmo só pode entender-se como sistemática aversão da secção desportiva do «Janeiro» para com o Clube da nossa terra.

Tais referências, sempre dúbias quanto ao Vitória, já têm merecido da parte dos vimezanenses as mais diversas atitudes de repulsa, mas o repetem-se tantas vezes, merecem também esse comentário de bem sentido protesto.

A direcção do Jornal, que é daqueles de maior simpatia nesta cidade, com certeza tomará o assunto a seu cuidado, pois sómente lhe recomendamos a leitura das críticas publicadas em todos os outros jornais e consequente comparação com a vinda a público no seu cotado diário.

UM DE NÓS.

A Prova Maior do Futebol Nacional

Barreirense, 1 — Vitória, 2

O público barreirense despediu-se da equipa de Guimarães com aplausos de consagração

Embora não nos queiramos afastar da ideia, já desenvolvida, de que o Campeonato da I Divisão é um torneio chato de dificuldades e onde as equipas conseguem resultados da mais variável índole, tanto geradores de entusiasmo, como causadores de descontentamento, temos de nos render à evidência que resulta da maneira como a quase unanimidade da crítica (só houve a excepção do «Janeiro») se referiu à demonstração de capacidade evidenciada pela equipa do Vitória, no jogo contra o Barreirense, que levou o próprio público adepto da equipa da margem Sul do Tejo a consagrar os vimezanenses com uma apoteótica salva de palmas no final do jogo.

Reina, por isso, no momento presente, a maior satisfação entre os adeptos do Vitória e cria-se a convicção de que a carreira futura da equipa será gloriosa para a colectividade. Porém desejamos lembrar a necessidade que existe de, simultaneamente, se ir preparando o espírito para alguns resultados menos agradáveis que, apesar de toda a real valia, naturalmente hão-de aparecer, na contingência normal de tão longo e difícil torneio. É que conhecemos suficientemente as variações de sensibilidade dos desportistas locais que, quando se preparam para a ideia de que tudo, nem sempre, é maré de rosas...

Como já acentuamos, a Imprensa consagrou a equipa do Vitória na mais elogiosa das críticas. Parece-nos que transcrever uma parcela das mesmas é a melhor maneira de realizarmos este nosso comentário semanal. Elegemos, entre todas, a que subscreveu David Sequerra e vem publicada no tri-semanário lisboeta «Mundo Desportivo». São de estes dois estratos, o primeiro com o sub-título de *Equipa de «cacharolete»*, que diz o seguinte:

«Agil de movimentos, profunda de iniciativas, ligada e senhora do seu papel, a turma de Guimarães grangeou admiradores nesta sua visita ao Barreiro. O público local aplaudiu-a acaloradamente quando a peleja findou e tal facto — mais do que qualquer outro — é elucidativo.

A velocidade de jogo passou por «nuances» várias, mas o processamento futebolístico dos pupillos de Mariano Amaro primou pela homogeneidade, a revelar trabalho aturado, de realçar neste início de temporada.

Deveras curioso: como jogadores de índoles distintas e características pouco semelhantes apresentaram-se fundidos num «todo» harmónico, como se tivessem sido preparados em «cacharolete» capaz de assegurar miscibilidade absoluta.

A rudeza de Abel, o vigor de

Silveira e Vaz, a veteranaria de Sebastião e Rola, a par da juventude de Daniel e Bártolo, a maneira espectacular de Carlos Alberto e o modo sóbrio de Edmur, tudo isto nos oferece um conjunto que, frente ao Barreirense, conseguiu realizar futebol de assinalável qualidade, pondo em evidência quanto mérito há na dosagem de tão variados «ingredientes» para constituição de uma equipa em que há que reparar, atentamente.

E o segundo, também sub-intitulado de *Silveira, João da Costa e Edmur — um trio de bitola «muito bom»*, reza deste modo, na apreciação individual dos jogadores vimezanenses:

«Para os que esperavam ver o «onze» vimezanense confirmar a vitória do último domingo, frente ao Belenenses, explicando os «porquês» de tão flagrante supremacia, não foi inútil uma viagem ao Barreiro.

Com a entrada de «pedras» novas, o bloco não terá ainda a afinidade ideal. Nos primeiros 45 minutos notou-se isso mesmo em «carburagem» pouco regular. Depois veio a vitória e a completa justificação dela própria.

Para tanto, os minhotos contaram com três homens em rendimento que pode classificar-se de «muito bom»: o defesa-central Silveira; o jovem e laborioso médio João da Costa, e o fino e arguto jogador que Edmur se revelou aos olhos de todos, pontando jogo de maneira excelente.

Como «fecho» da defesa, fulcro da resistência que surgiu forte sempre que foi necessário, Silveira jogou em cheio. Valente, autoritário, seguro e distinguindo-se também como «capitão» de conduta exemplar.

A sua frente, diligente e muito atento, regularíssimo de esforço e feliz nos muitos cortes que efectuou a meio campo, João da Costa deu nas vistas, por lograr fornecer à equipa a intercomunicabilidade de sectores, imprescindível para a valia inegável do futebol que os vimezanenses nos mostraram no Barreiro. A passagem para a linha da frente, mercê do acerto em que se manteve João da Costa, não se ressentiu da vigilância cerrada e da fraca disposição com que se debateu o brasileiro Carlos Alberto, que vinha rotulado de «vedeta» e afinal agradou bem menos do que o outro interior Edmur, o «terceiro homem» do lote dos que justificaram a designação de «excelentes».

Esguio, extremamente hábil, com pormenores de jogo que definem um jogador — não foi por acaso que Edmur se manteve anos como «primeira figura» de equipas do Brasil... — o n.º 8 dos minhotos criou lances em quantidade mais do que suficiente para vitória mais larga. Nesse aspecto, não há dúvida de que o ataque minhoto ficou a dever golos a si próprio...

Mais tipicamente brasileiro, Carlos Alberto não foi fulgurante, como há oito dias em Guimarães, mas mercê de movimentação extraordinária assegurou completo domínio do meio campo e «disse» a todos que está já na posse dos 90 minutos de jogo, apto a resistir. Uma boa indicação, sem dúvida.

Sóbrios, mas úteis, devemos citar Sebastião, Abel, Daniel e Rola. O médio Vaz, com algumas entradas de vigor exagerado, não foi sóbrio. E o eixo de ataque, Ernesto, muito lento e pouco móvel, não foi tão útil como os demais. Quanto a Bártolo, com todas as características de autêntico extremo,

temos de apontar-lhe irregularidade, tão depressa se mostrou excelente como decepcionante. Qual das duas facetas será real?»

O encontro realizou-se no Campo de Santa Barbara, no Barreiro, debaixo da arbitragem de Jaime Pires de Lisboa. O Vitória alinhou com Sebastião, Daniel e Abel; João da Costa, Silveira e Vaz; Bártolo, Edmur, Ernesto, Carlos Alberto e Rola. O Barreirense com Bráulio, Faneca e Abrantes; Lança, Silvano e Vasques; Oñoro, Correia, José Augusto, Faia e Madeira. Os golos do Vitória foram marcados por Ernesto e Rola, e o do Barreirense, por Correia.

Hoje realiza-se, no Campo da Amorosa, o derby minhoto, o sempre emocionante Vitória-Braga. Não são necessárias muitas palavras para referenciar este jogo, pois ele é tradicionalmente o encontro máximo do futebol regional. Velhos rivais, o Vitória e o Sporting de Braga, vivem irmanados no desejo comum de contribuir para a evidência do futebol minhoto, sendo os triunfos dum deles o estímulo mais forte para o outro fazer melhor. Nas lutas entre eles mais se evidencia essa circunstância, o que dá ao encontro desta tarde o interesse que desperta. O público vimezanense deve, dentro desta ideia, criar o ambiente que leve ao triunfo a sua equipa, tendo porém pelo seu adversário aquele respeito que resulta dum actividade guiada para o mesmo anseio.

L. R.

A excursão a Europa para acompanhar o Vitória

Esta excursão organizada pelo Vitória e pelo seu sócio auxiliar «Empresa Rodoviária do Minho», nos moldes das óptimas visitas ao Algarve quando o Clube Vimezanense se encontrava na II Divisão, vai certamente resultar em pleno êxito. O preço da viagem está definitivamente estabelecido em esc. 120\$00 e a partida marcada para a sexta-feira antes do encontro. A caravana jantará e pernoitará nesse dia em Alcobaca, de onde seguirá na manhã seguinte para Évora, com almoço, no caminho, numa típica vila alentejana. Chegada a Évora ao princípio da tarde, onde se pernoitará também uma noite. Na segunda-feira de manhã dar-se-á o regresso definitivo para Guimarães.

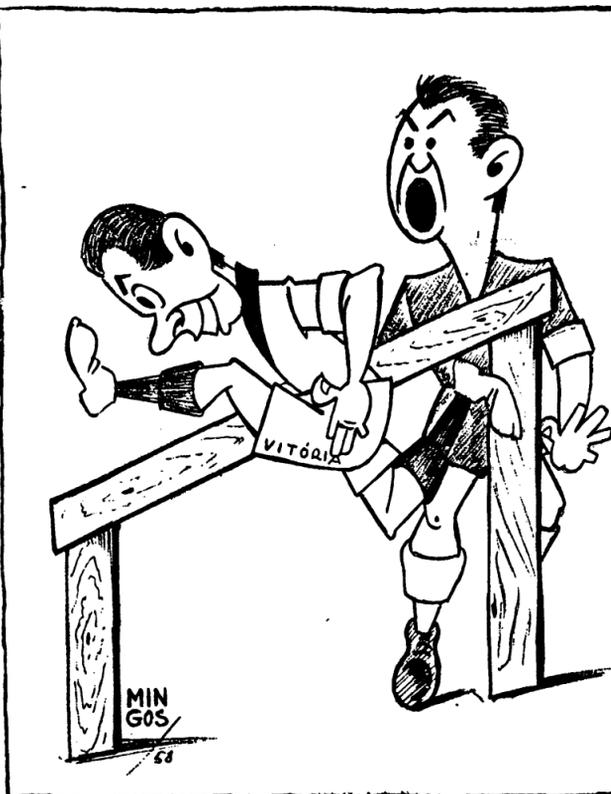
Os lugares podem, desde já, marcar-se na Cervejaria Martins, ao Tournal.

CAMPELOS

Tarde desportiva no Campo de «S. José»

Organizadas pelo Clube Operário de Campelos, realizaram-se no passado domingo, as seguintes provas:

500 metros planos e 80 metros barreiras, provas estas que despertaram muito interesse, sendo ganhas, respectivamente, pelos atletas Carlos da Silva e Domingo de Castro, classificando-se em 2.º lugar, o atleta João da Silva, todos de Serzedelo.



Eu cá vou saltando as Barreiras... e o resto são cantigas!...

VAI PARA ÁFRICA?

Passagens rápidas e económicas, com carta ou caução "INTERCONTINENTAL" 8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20235 — PORTO Passagens aéreas e marítimas. Passaportes. Vistos. Câmbios 514

Logo for FIBRATM (Fibras Artificiais de Têxtil Minhoto) with text: IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO FAUSTINO CARVALHAL Rua da Rainha, 61-1.º D.º End. Telegráfico Telegramas: FIBRATM — GUIMARÃES Importador e distribuidor exclusivo, em Portugal, das fibras artificiais LANITAL «S» e VITALAN. FIOS DE: algodão, mistos, fioco, Lanital e Vitalan. 473

A seguir disputou-se um animado desafio de futebol, em que o Clube Operário de Campelos derrotou o F. C. de Vermoim, por 6-2, com 3-2 ao intervalo.

Pede-nos a direcção do C. O. C. para comunicarmos que vai designar brevemente o dia do seu Sorteio Monumental, aguardando sómente os últimos trabalhos da tesouraria.

Recebemos da direcção deste mesmo Clube, um amável ofício, no qual se confessa agradecida pela reportagem que fizemos da inauguração do seu campo de jogos em 6-9-58, gentileza que nos apraz registar. — C.

Ofertas e Procuraas

Terrenos Vendem-se na Avenida Conde de Margaride, um com cerca de 440 metros, outro cerca de 282 metros. Falar com D Isaura Vinagreiro — Rua D. João I, n.º 13 — Guimarães. 467

Vendedores para África Precisa-se para as Províncias de Angola e Moçambique, de elementos com reconhecida competência e com idade de 25 a 35 anos. Escrever ao n.º 525. Guarda sigilo estando empregado. 525

Alugam-se Duas salas e duas lojas, próprias para escritórios, armazéns, ateliés, etc. A redacção informa. 506

Aluga-se uma casa, com quintal, na Avenida Conde de Margaride, Falar na Casa do Proposto. 519

Casa no Tournal Alugam-se salas ou andares, próprios para consultórios, etc. Informações: Rua Egas Moniz, 117 — Guimarães. 510

Aos estudantes Recebem-se dois estudantes, de preferência meninas, em casa séria. Aceitam-se alunos para admissão aos liceus. Pedir informações na Sociedade de Azeites Moura Lid.ª — Avenida Conde de Margaride — Guimarães. 520

Alugam-se 3 grandes lojas para armazéns ou estabelecimentos comerciais, no centro da cidade e com óptimo recinto para descarga. Informa-se na Casa dos Laranjais — Guimarães. 524

Aos estudantes Em casa particular e de confiança, dá-se pensão a duas meninas ou meninos estudantes. Aluga-se uma casa na Avenida Conde de Margaride. Falar na Casa do Proposto. 515

Cão de caça Perdeu-se na Penha, um cão de cor amarela, dá pelo nome de Buik. Tem um defeito numa perna. Gratifica-se quem indicar o seu paradeiro. Procede-se contra quem o retiver. Informar Pereira da Silva — Gêmeos. 527

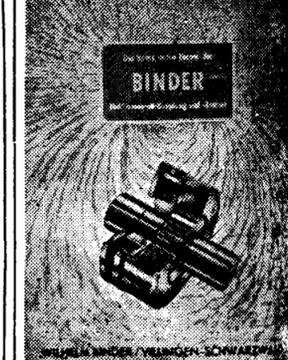
SALA em bom edificio, em óptimas condições para escritório ou consultório médico, aluga-se. Falar na Rua de Santo António, n.º 37. 501

ENCARRETOREiros Vendem-se em bom estado de funcionamento. Para ver e tratar na Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães. 506

Anúncio Aos Hotéis, Pensões e Casas de Pasto. Vende-se um fogão em estado de novo. Falar com Faustico de Castro, Praça da República em Vizela. 503

AMÍLCAR DIAS Enfermeiro Diplomado CALISTA Telefone 40471

EMBRILHAGENS E TRAVÕES Electro-Magnéticos Alemães da Marca «BINDER MAGNETE»



Representante para Portugal: J. MONTENEGRO L. 28 de N.º, 78-1.º Telef. 4510 GUIMARÃES

DR. VIGAS BONS E AGUIA Doenças dos olhos Retomou a clínica 507

FIBRA ARTIFICIAL IHRIX Agentes-Depositários WANDSCHNIEDER & C.ª, L.ª R. Cândido dos Reis, 74-2.ª TELEF. (Est. 17) PORTO (Comp. 21 404)

Fernando Pizarro de Almeida ADVOGADO Mudou o seu escritório para a Rua de Gil Vicente, n.º 8 e 10